

*[Handwritten signature]*

# J.K. AO POVO: NÃO CEDEREMOS!

ANO I — RIO, SEMANA DE 19 A 25 DE JUNHO DE 1959 — N.º 17

## NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 287 — SALAS 1711/1712

rente milhares de trabalhadores, estudantes e cidadãos de todas as camadas sociais, que foram na quarta-feira última ao Catete, o Presidente Kubitschek assumiu o compromisso de não ceder às imposições do Fundo Monetário Internacional, reafirmando assim a atitude do governo que vem merecendo o apoio das forças nacionalistas e populares.

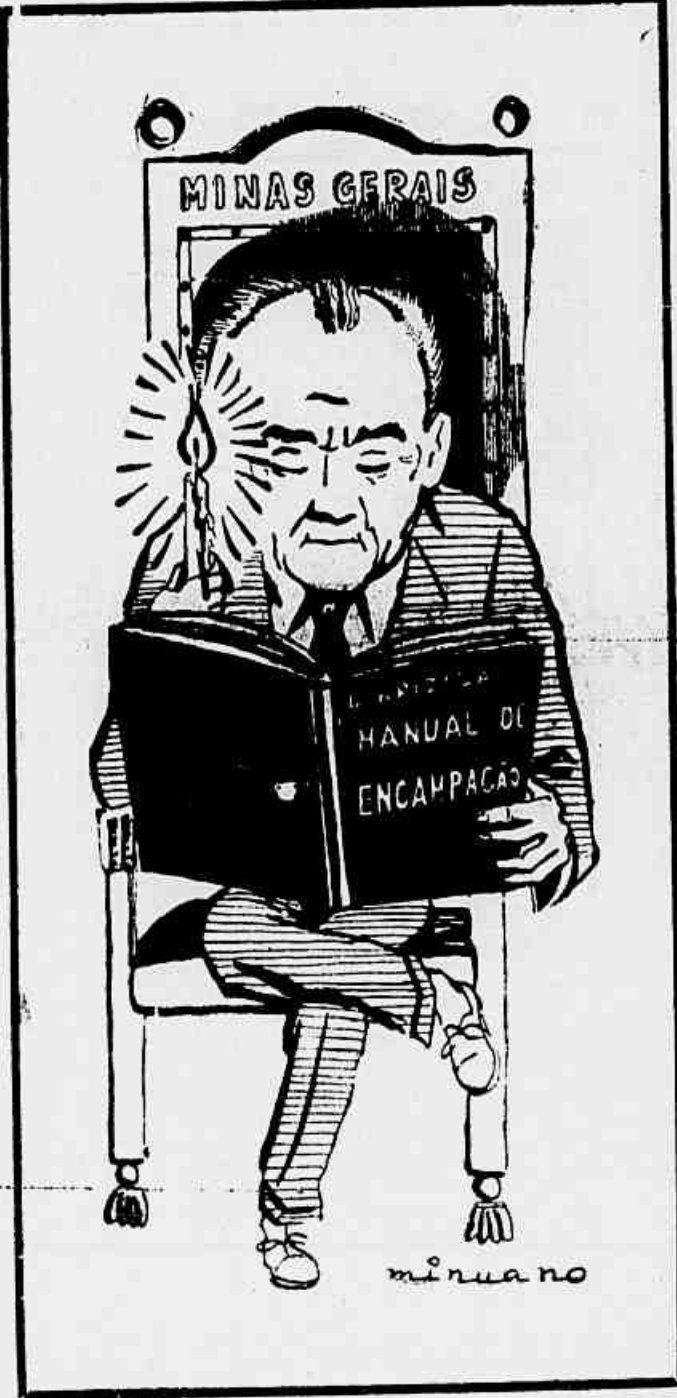
As 18 horas, os portões do Palácio do governo foram abertos para uma multidão entusiástica, entre a qual se destacavam dezenas de delegações dos sindicatos e das organizações estudantis. Os manifestantes conduziam numerosos discursos e cartazes contendo expressões de solidariedade ao governo pelo seu gesto de repúdio às exigências imperialistas e apresentando reivindicações patrióticas:

«Os trabalhadores desejam o reatamento de relações com a Rússia e a China»; «Fora Lucas Lopes, Roberto Campos e Garrido Torres»; «Encampação da Bond and Share e outras empresas imperialistas».

Em nome dos manifestantes falaram o

estudante José Paulo Pertence, presidente em exercício da UNE, o sr. Nelson Mendonça, representante da Federação dos Marítimos, o operário Giovanni Romita, em nome da CNTI e os deputados José Joffly e Josué de Castro, da Frente Parlamentar Nacionalista. Os oradores foram unânimes em condenar a interferência dos monopolistas estrangeiros na orientação de nossa política econômico-financeira, exigindo do Presidente da República medidas práticas para libertar o Brasil, da dependência ao imperialismo. E' de notar que todos os oradores, sem discrepância, exigiram alterações na política exterior e o estabelecimento de relações com os países socialistas.

Encerrando a manifestação, o Presidente da República agradeceu a solidariedade popular e manifestou sua disposição de não recuar na posição que tomou, ao repelir as humilhantes exigências dos imperialistas do F. M. I. «Não cederemos!» afirmou o Sr. Kubitschek — «Caminharemos mesmo isolados, se necessário for!»



## AMARAL SABOTA LOTT

(Na 3.ª página)



**JUSTIÇA APROVOU ENCAMPACÃO BOND AND SHARE**

(4.ª PÁGINA)



### "MISS" DISTRITO FEDERAL

Chama-se Vera Ribeiro, é de Vila Isabel. Tem 19 anos, 1 metro e 71 de altura, 59 de peso, cintura 58, busto 95, quadris 97, coxa 57 e tornozelos 23. Foi a escolhida do júri do Maracanãzinho para a escolha de "Miss" Distrito Federal (10 votos em 11). E, o mais importante, foi também a escolhida do público. Foram para ela os maiores aplausos da assistência que lotava o Maracanãzinho. Depois de Vera, os lugares seguintes couberam a Denise Rocha de Almeida (C. R. Flamengo) Claudete Martins Morais (IAPB), Vanja Nobre Jacob (Botafogo F. R.) e Marli Rosete dos Guimarães (Clube Militar)

## O Diálogo Entre Católicos e Comunistas

(Na 7.ª página)



NICARÁGUA — 1.º PONTO DE UM PROGRAMA UNITÁRIO

# Eliminação Radical Da Tirania De Somoza

Os atuais acontecimentos da Nicarágua não podem desligar-se dos movimentos populares de democratização que derrubaram várias ditaduras na América Latina nos últimos anos. São um fluxo da mesma onda que varreu Batista em Cuba e Jimenez na Venezuela.

É possível que o tirano Somoza ainda consiga dominar por algum tempo, mas tudo indica que seu fim está próximo.

O ditador Luis Somoza (filho do famigerado carasco do povo nicaraguano Anastácio Somoza) tenta fazer crer que se trata de uma «invasão» do exterior. Tenta negar a realidade: que o povo não mais suporta o odioso regime dinástico da família Somoza, que dura há 25 anos. É um regime que conseguiu es-

tagnar o país, entrar seu progresso por um quarto de século, enquanto uma camarilha de donos de terras ligados aos monopólios norte-americanos multiplica suas rendas, vive mergulhada num luxo nababesco.

## 25 ANOS DE CORRUPÇÃO

Durante o período de domínio da família Somoza em Nicarágua o país conheceu o mais completo descabro econômico e financeiro de sua história. Os concessionários estrangeiros — norte-americanos em geral — tiveram protegidos seus privilégios, ferindo gravemente a soberania nacional. Criou-se toda uma máquina estatal a serviço dos grupos dominantes, a qual

suprimiu os partidos políticos, as organizações democráticas. Subsistiram apenas partidos bafejados pela aura oficial, verdadeiros bandos de salteadores da riqueza pública: dominando o Tesouro, os bancos, as melhores terras, as transações comerciais, toda a vida econômica do país. Inexistem em absoluto as liberdades democráticas, são violados todos os princípios contidos na Declaração dos Direitos do Homem. O desemprego e a miséria campeiam na pequena Nicarágua, onde as melhores terras estão nas mãos de alguns grandes latifundiários, que produzem unicamente o que reclamam os monopólios dos Estados Unidos.

## A GESTAÇÃO DAS LUTAS ATUAIS

As surtidas atuais, a que se referem os telegramas (nem sempre traduzindo fielmente a situação) não são, como se pretende impingir, fruto de um movimento iniciado no exterior da Nicarágua. No próprio país se gestam as lutas que, sem nenhuma dúvida, darão por terra com a tirania de Somoza.

É claro que, ante o regime de terror existente na Nicarágua, os coordenadores do movimento de resistência são obrigados a trabalhar no estrangeiro. Recentemente, por exemplo, realizou-se em Caracas (Venezuela) um encontro de líderes de diferentes forças democráticas que se opõem a Somoza e que têm o firme propósito de derrocar seu regime. Foi elaborado então um plano de ação e divulgada uma Declaração de Princípios definindo seus objetivos.

Os grupos opositoristas são os seguintes: Partido Liberal Independente, Partido Social Cristão, Partido Socialista e Partido de Mobilização Republicana. Todos eles são decididos adversários da camarilha chefiada por Luis Somoza Debayle.

Estes agrupamentos partidários representam diferentes tendências existentes dentro da Nicarágua e que anseiam por libertar-se da ditadura.

## PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

As forças opositoras de Somoza objetivam, segundo sua Declaração de Princípios, a organização e desenvolvimento da Revolução Democrática da Nicarágua, cujos objetivos principais são os seguintes:

- 1 — Eliminação radical do regime dinástico dominante.
- 2 — Destruição definitiva dos instrumentos que serviam de base à sua manutenção.
- 3 — Julgamento e punição dos responsáveis por crimes, torturas, perseguições e latrocínios contra o Estado e os cidadãos.
- 4 — Organização de um exército democrático que assegure a transformação democrática do país.
- 5 — Formação de um governo popular provisorio, com a participação de todas as forças que desde agora estão unidas em luta pela derrubada do regime dinástico.
- 6 — Derrogação de todo tratado ou compromisso que afete a soberania e a integridade territorial nicaraguense e de toda legislação ou disposição que de alguma forma freie ou impeça a transformação democrática da Nicarágua.
- 7 — Criação de um Estado democrático dotado de todos os instrumentos necessários e suficientes para a defesa da soberania nacional, realizar a industrialização do país, a recuperação de suas fontes de produção, a defesa dos recursos naturais e a implantação da honestidade administrativa.
- 8 — Reforma agrária que entregue as terras baldias do Estado e as terras não cultivadas dos latifúndios aos camponeses sem terra e aos agricultores capazes de torná-las produtivas; que elimine o sistema de colonato e outros remanescentes feudais e que fortaleça a economia do pequeno camponês. Os beneficiados com a Reforma Agrária contarão com a ajuda técnica necessária, créditos e todos os meios de trabalho adequados à imediata produtividade das terras, visando a diversificação dos cultivos, de acordo com as condições agro-econômicas e ecológicas de cada zona. O Estado orientará a produção

agro-pecuária a fim de satisfazer as necessidades da nação e a exportação dos excedentes.

9 — Aplicação e aperfeiçoamento da legislação social vigente. Estabelecimento do salário mínimo.

10 — Elevação da cultura nacional, através da alfabetização dos adultos, da criação de novas escolas normais (e outras medidas indicadas na declaração de Princípios).

11 — As empresas estrangeiras que explorem bens do Estado estarão sujeitas a um regime de tributação que contribua efetivamente para a realização de um amplo programa de desenvolvimento econômico.

12 — Colaboração com todos os esforços destinados a preservar a paz internacional e a amizade entre os povos do mundo.

13 — Os recursos do subsolo pertencerão de maneira irrevogável à nação nicaraguense.

Além destes pontos, a Declaração de Princípios dos partidos e forças que lutam contra a ditadura de Somoza enumera outros objetivando fortalecer a independência econômica do país e garantir uma autêntica democracia.

## RECRUDESCE O TERROR

Ante as lutas que já se travam no solo da Nicarágua contra a tirania de Luis Somoza, as autoridades nicaraguenses vêm realizando prisões em massa, tanto na capital, Manágua, como em outras cidades. Os presos, segundo depoimentos de exilados nicaraguenses nos países vizinhos, são submetidos a brutais torturas.

## INTERVENÇÃO DA OEA

Como tem ocorrido de outras vezes, quando ditadores estão em perigo, a Organização dos Estados Americanos (OEA) resolveu intervir nos acontecimentos da Nicarágua. O Conselho da OEA organizou uma Comissão de Inquérito para pedir informações aos países vizinhos da Nicarágua sobre supostas atividades de «invasão» daquele país.

Mais uma vez, a OEA age a serviço dos imperialistas norte-americanos, pois sua ação poderá ir até medidas de caráter militar para manter a situação dominante num dado país. Nada disso, porém, poderá impedir a evolução do processo revolucionário que está dando por terra com as tiranias de agentes de Wall Street, como a de Somoza.

# CRÔNICA INTERNACIONAL

## DAVI CONTRA GOLIAT

Os revolucionários cubanos deram a única resposta digna à insolente intervenção dos Estados Unidos na questão da reforma agrária cubana: repeliram-na. «No dia em que os agentes imperialistas desembarcarem em Cuba — advertiu o «Movimento de 26 de Julho», dirigido por Fidel Castro — haverá seis milhões de cubanos dispostos a morrer antes de render-se».

Não havia realmente outra resposta à intervenção do Departamento de Estado nos assuntos internos de Cuba. Em pleno auge das lutas de libertação nacional dos países coloniais e dependentes, o governo dos Estados Unidos se atreve ainda a dirigir ao governo cubano uma nota que parece redigida no século passado, nos tempos em que os fuzileiros navais americanos chegavam e desembarcavam sem pedir licença em qualquer país do Continente, para «proteger» os interesses dos imperialistas ianques.

O governo americano queria, nada mais nada menos, que o governo cubano de Fidel Castro — como se fosse um Batista qualquer, um laçao dos monopólios — tivesse ouvido os capitalistas norte-americanos cujos interesses poderiam ser atingidos pela lei de reforma agrária.

E apela para o Direito Internacional e para as próprias leis internas cubanas, pretendendo interpretá-las! «O texto da lei agrária cubana causa séria preocupação ao governo dos Estados Unidos» — diz textualmente a nota do Departamento de Estado divulgada a 11 de junho.

Porque, é claro, essa lei vai atingir os principais aliados dos imperialistas ianques em Cuba, os grandes latifundiários, a base fundamental da reação. Era entre eles que o tirano Batista possuía seus protetores e apunhaçados, sustentáculos da sua ditadura. São eles ainda a esperança — da reação interna cubana e dos imperialistas — de um retrocesso em Cuba, com a derrubada de Fidel Castro.

Daí o empenho com que o governo americano sai em sua defesa, contra os interesses do campesinato e de todo o povo cubano — condenando a medida mais democrática do governo de Fidel, a reforma agrária. Enquanto isso, a Organização dos Estados Americanos corre em ajuda do tirano Somoza na Nicarágua.

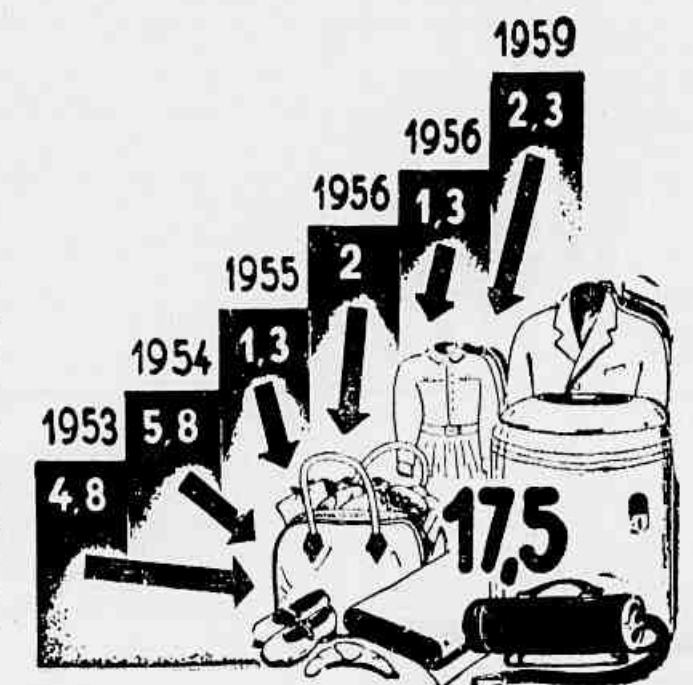
É digno de nota que o protesto oficial americano se entrosa com as declarações (jornais de 14 de junho) do ex-Secretário de Estado Adjunto e antigo embaixador americano na Argentina, Braden, de triste memória. Braden perdeu as estribeiras e disse com todas as letras: «A única forma de remediar as coisas em Cuba é pela força». E apelou para o aumento dos desesperados: o espantoso do comunismo. Vê o Mar de Caribe transformado num elago vermelho ameaçando... os Estados Unidos!

Quer-se, portanto, reeditar Guatemala. Não é de crer que a história se repita. A lição da brutal intervenção americana na Guatemala está bem viva em toda a América. Os cubanos, vigilantes, firmes em apoio ao governo democrático de Fidel Castro, para que ele possa realizar as aspirações de progresso e bem-estar do povo cubano.

Neste sentido, foi bem lembrada, na resposta dos partidários de Castro, a história lendária de Davi e Goliath. Os povos da América Latina que lutam por sua emancipação estão naturalmente ao lado de Davi contra Goliath, contra os imperialistas americanos e suas intervenções em nossos assuntos domésticos.

## TCHECOSLOVAQUIA

### SÉTIMA REBAIXA DE PREÇOS



A política de sistemática rebaixa de preços no varejo, a elevação anual do salário nominal e outras medidas objetivando a elevação do padrão de vida da população, possíveis graças aos êxitos da economia tchecoslovaca, tem sua expressão no aumento do salário real. O gráfico acima resume as cifras do aumento do poder aquisitivo na Tchecoslováquia. As sete rebaixas de preços efetuadas a partir de 1953 proporcionaram uma economia média anual de 17,5 bilhões de coroas.

**DIVULGUE**  
«NOVOS RUMOS»

## NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves  
Gerente — Guttemberg Cavalcanti  
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.  
Secretário — Fragmoa Borges  
**REDATORES**  
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardi.

**MATRIZ**  
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905  
Enderço telegráfico —

«NOVOSRUMOS»  
ASSINATURAS

Anual .... Cr\$ 250,00  
Semestral . . . 130,00  
Trimestral . . . 70,00  
Aérea ou sob registro, despesas à parte  
N. avulso .. Cr\$ 5,00  
N.º atrasado .. 8,00..



## AS ELEIÇÕES NA SICÍLIA

# VITÓRIA DA UNIDADE COMUNISTA-SOCIALISTA

Séria derrota sofreu a «democracia-cristã» italiana nas eleições de domingo (7 de junho) na Sicília. Foi a primeira grande prova eleitoral a que se submeteu o gabinete de Segni, e o resultado lhe foi contrário. O Partido Democrata-cristão perdeu três cadeiras no parlamento siciliano.

A vitória coube à coligação eleitoral que deu apoio à candidatura de Silvio Milazzo, cujo governo anterior já compreendia a representação dos comunistas. Essa coligação totalizou mais de um milhão e 300 mil votos, enquanto os democratas-cristãos e partidos que os apoiaram conseguiram menos de 1 milhão e 100 mil. Percentualmente, caiu também a votação dos democratas-cristãos.

O Partido Comunista Italiano, a principal força da coalizão que sufragou o nome de Milazzo, melhorou suas posições em relação às eleições anteriores. Alcançou mais de meio milhão de votos (516.919, segundo resultados ainda incompletos), conquistando mais uma cadeira no parlamento da Sicília. (A agência norte-americana «United Press International» — UPI — distribuiu dados falsos aos jornais do Rio, atribuindo ao FCI menos de 200 mil votos).

Vale destacar que o Partido Socialista Italiano (de Nenni), que formou ao lado do Partido Comunista e demais forças pró-Milazzo, reforçou também suas posições, assegurando-se mais uma cadeira.

Algumas conclusões destes resultados:

- 1) Com as eleições na Sicília os habitantes da ilha (4.700.000) condenaram a recente decisão do governo democrata-cristão de Segni de instalar bases de foguetes norte-americanos na península.
- 2) Mais uma vez ficou provado que sempre que se unificam as forças de esquerda, as forças que representam os trabalhadores, sua vitória é certa. Não obstante a insistência com que pretendem dividir as forças de esquerda na Itália (empenho tanto dos reacionários democrata-cristãos como de seus apunhaçados social-democratas de Saragat) a própria vida impõe a unidade. A unidade entre comunistas e socialistas foi decisiva para a vitória de um candidato, que se apoiou fundamentalmente nas forças democráticas, como o fez o social-cristão Milazzo, candidato reeleito à governança da Sicília. Sofreram assim uma derrota as forças que apoiam a política de guerra dos imperialistas americanos.
- 3) Ficou também demonstrada a fraqueza ingênita da chamada «terceira-força» (no caso os social-democratas de Saragat), que tiveram sua representação diminuída no novo parlamento siciliano. Aliás, o grupo de Saragat vai perdendo influência a cada nova consulta eleitoral. De 1948 a 1958, em toda a Itália, sua percentagem nos pleitos passou de 7,1 para 4,6. É que os social-democratas têm partilhado de todas as medidas mais reacionárias dos democratas-cristãos e de todos os acordos militares contrários aos interesses do país firmados com os Estados Unidos. As eleições na Sicília foram mais uma demonstração de sua desmoralização crescente.
- 4) Finalmente, os resultados das eleições na Sicília são também uma derrota do Vaticano, que evidenciou todos os seus esforços para impedir a reeleição de Milazzo. Um decreto do Santo Ofício proibiu terminantemente os católicos de votarem no candidato apoiado pelos comunistas e socialistas. Como se vê, o decreto não valeu...

## REPÚBLICA DA NICARÁGUA

A Nicarágua é o mais extenso e o menos habitado dos países da América Central. Sua superfície é de 139.000 quilômetros quadrados; sua população — cerca de 1.300.000 habitantes, sendo aproximadamente 33% indígenas, 33% mestiços, além de crioulos, negros, etc. Religião: em sua maioria católicos. Capital: Manágua. Outras cidades: Corinto, Diriamba, Puerto Cabezas. O principal recurso econômico do país é o café (cerca de 75 mil hectares em 1953). Cultiva-se também o cacau, a cana de açúcar, o algodão.



# AMARAL SABOTA LOTT

PREFERIDO O GRUPO NACIONAL

## BNDE DEU À ESSO O MAIOR QUINHÃO

Denúncia apresentada pelo deputado Gabriel Passos, em conferência pronunciada em Ribeirão Preto — São os trustes e não os nacionalistas que se opõem à iniciativa privada nacional

- \* «União nacional», fórmula para torpedear a candidatura do ministro da Guerra
- \* Amaral Peixoto é o líder da conjura
- \* Cresce a irritação entre os lottistas

A cúpula de dirigentes do PSD — tendo à frente o sr. Amaral Peixoto — insiste, através de todo tipo de manobras, em aliar o quadro que, segundo tudo indica, está formado para a disputa presidencial de 1960. Mais precisamente, têm essas manobras um objetivo determinado: evitar a candidatura do marechal Teixeira Lott que, pela sua origem e pelo seu conteúdo, não satisfaz as pretensões de políticos como os srs. Amaral, Bias, Felinto, Vitorino e outros, comprometidos com uma orientação arraigada antipopular e antiprogredista. Lançada e sustentada pelos grupos mais democráticos — e em geral de tendência nacionalista de diferentes partidos políticos, a candidatura do atual ministro da Guerra logo se projetou como aquela capaz de, em oposição à do sr. Jânio Quadros, aglutinar as diversas forças interessadas em que triunfe nas urnas uma política favorável à independência nacional, ao progresso do país e à preservação e ampliação das liberdades democráticas.

Desde os primeiros instantes, a posição dos velhos dirigentes possedistas foi de resistência à candidatura Lott. Todos os recursos foram tentados para impedir o seu lançamento — desde a pressão e as ameaças sobre os deputados da ala móvel até as manobras espetaculares atualmente em curso.

### A «UNIAO NACIONAL»

A fórmula agora tentada contra a candidatura do marechal Teixeira Lott é a «união nacional». Apesar do entusiasmo com que a dita se entrega o sr. Amaral Peixoto, não se trata

de nenhuma novidade. Ao contrário, esta é uma fórmula que tem servido, mais de uma vez, aos piores reacionários, sempre que procuram impor soluções contrárias aos interesses do povo. Ela foi ensaiada, por exemplo, em 1955, quando surgiu sob o patrocínio dos homens do 21 de Agosto, com o propósito de evitar a candidatura e a vitória das forças que apoiavam o sr. Juscelino Kubitschek. Em seguida, foi várias vezes tentada por políticos como o sr. Bias Fortes e jornais como O Globo, visando a «união sagrada» dos setores mais reacionários da política brasileira.

Agora, redescoberta pelo sr. Amaral Peixoto, volta à baila a «união nacional». É indistigável o seu conteúdo antidemocrático: pretende esbulhar o povo do direito de escolher livremente entre os candidatos aquele que melhor corresponda aos seus anseios. Além do mais, não passa de um artifício: apregoa-se a união em torno de um nome escolhido à revelia do povo, sob o pretexto de evitar a luta eleitoral — natural em qualquer regime democrático — para, na verdade, levar ao poder as forças mais antipopulares, mais obscurantistas.

Isto se torna evidente ao se verificar que a propalada «união nacional» se reduz, no fundo, a uma tática de torpedeamento da candidatura Lott. Os sobas da direção possedista, inclusive o sr. Amaral Peixoto, não escondem que estariam dispostos a votar mesmo a apoiar o sr. Jânio Quadros, subordinando ao candidato entreguista a tal «união nacional». Foi claro nesse sentido o sr. Felinto Müller.

### INSATISFAÇÃO

Os movimentos em que está lançada a cúpula do PSD provocam crescente insatisfação entre os setores que tomaram posição a favor da candidatura Lott. Na Câmara, deputados da «ala móvel» do PSD e de outros partidos, membros da Frente Parlamentar Nacionalista, devem lançar um manifesto denunciando o sentido anti-Lott da fórmula de «união nacional». Ao que se sabe, certos círculos militares nacionalistas mostram-se igualmente irritados com a atitude do sr. Amaral Peixoto e outros chefes possedistas, considerando que todas as manobras ora em execução, em particular a tese da «união nacional», não visam outra coisa senão afastar a candidatura do ministro da Guerra.

Por sua vez, falando em nome do PTB, o deputado San Tiago Dantas, depois de assinalar que os trabalhistas veem no marechal Lott um candidato capaz de unir, no próximo pleito, as forças populares, esboça a posição dos dirigentes possedistas e sugere que, sob a capa de «união nacional», o que há é uma exploração de terreno em rumo novo de onde poderão advir surpresas aos partidos.

Alguns círculos pró-Lott admitem mesmo a possibilidade de vir a ser lançada oficialmente a candidatura do ministro da Guerra por um pequeno partido — no caso, o PST — com o objetivo de obrigar a cúpula possedista a uma definição final. Esta tendência, entretanto, não tem o apoio da maioria dos lottistas, que continuam a pressionar o PSD no sentido de que parta do parti-



Amaral Peixoto

do majoritário a iniciativa do registro da candidatura de Lott.

### AMARAL O SABOTADOR

De maneira geral, o sr. Amaral Peixoto, presidente do diretório nacional do PSD, é apontado como o principal responsável pelas tentativas de torpedeamento da candidatura Lott. Dois motivos principais determinarão esta sua posição: os seus conhecidos compromissos com os monopólios imperialistas dos Estados Unidos — que, através da revista Time, já se pronunciaram abertamente a favor do sr. Jânio Quadros — e a movível perda de prestígio político a que seria submetido no Estado do Rio, onde a campanha eleitoral de Lott seria feita não sob a sua direção, mas sim do governador Roberto Silveira. Sabe-se mesmo que o sr. Amaral Peixoto, em conversa com pessoas íntimas, tem afirmado que esgotará todos os recursos, des-

grade a quem for, com o objetivo de evitar que o PSD venha a oficializar a candidatura do marechal Lott.

### SEMANAS DECISIVAS

Tudo indica que estas e as próximas semanas serão decisivas para a definição das diversas forças políticas em relação ao pleito presidencial. O fracasso das demarches «unionistas» em São Paulo e a pressão dos setores pró-Lott sobre a direção do PSD podem levar a um recuo dos chefes possedistas. Mas não está afastada também a possibilidade de novas proteções — inclusive uma eventual entrevista com o sr. Jânio Quadros — o que resultaria em aumentar a irritação já evidente em muitos círculos lottistas, com consequências imprevisíveis.

De qualquer forma, espera-se que nas próximas semanas se torne mais claro o panorama sucessório.

RIBEIRÃO PRETO — (De Jurandir Guimarães, para NOVOS RUMOS) — Em conferência que pronunciou nesta cidade, o deputado nacionalista Gabriel Passos fez sensacional denúncia mostrando como Lucas Lopes e Roberto Campos prevalecem-se dos postos que ocupam no governo do país para favorecer os interesses dos trustes norte-americanos, em detrimento da indústria nacional. A conferência, que foi pronunciada na Rádio Clube desta cidade, contou com a presença de figuras de projeção do movimento nacionalista deste município e de Jaboticabal.

### MONOPÓLIO PARA OS AMERICANOS

Depois de afirmar que o movimento nacionalista não se opõe à iniciativa privada nacional, o deputado Gabriel Passos apresentou a seguinte denúncia: um grupo brasileiro de capitalistas nordestinos, do qual o orador é advogado, constituiu uma sociedade economicamente forte para explorar a produção de metanol, utilizando o gás de síntese da refinaria de Cubatão. Tudo pronto, bataram às portas do BNDE.

Eis que são, então, informados do surgimento da Cia. Alba, subsidiária da Standard Oil, também interessada na produção de metanol.

E aí que entra a atuação nefasta dos srs. Lucas Lopes e Roberto Campos em favor do truste americano. Afirma-se que o BNDE sofre forte pressão do Export Import Bank, no sentido de não ser permitida a entrada de outras empresas — além da Cia. Al-

ba — na produção de metanol. E o BNDE, em ressumidas contas, acabou concedendo uma ninharia ao grupo nacional, enquanto reservava o melhor quinhão para a empresa do grupo Esso.

### A DOMINAÇÃO AMERICANA

Mais adiante, declarou o sr. Gabriel Passos que mais de 30 por cento da indústria paulista, graças à política dos elementos entreguistas do governo, está em mãos de norte-americanos e, se providências não forem adotadas, dentro em pouco teremos uma indústria norte-americana, em vez de indústria nacional. Com os americanos já estão o mercado exportador de café, a energia elétrica, são eles que sustentam nossas jazidas de minérios atômicos e outros de cristais, etc. — afirmou. Prosseguindo, mostrou o conferencista que não são os nacionalistas, mas os trustes americanos os que combatem a iniciativa privada nacional.

Antes de concluir, declarou o parlamentar que não somos contra os Estados Unidos, contra o povo norte-americano, embora o governo dos Estados Unidos esteja sempre ao lado dos trustes daquele país. Como exemplo, citou o fato de Roosevelt ter feito pressão sobre o rei da Arábia Saudita para que entregasse seu petróleo à Standard Oil e mencionou, também, a recente confissão da sra. Clare Luce, perante o Senado, de que entrevistara na Itália, para obter a entrega do petróleo italiano aos trustes americanos, de acordo com a política oficial dos Estados Unidos.

## Fora De Rumo

RAIMUNDO MONATO

Sem contacto com o mar nem mesmo para tomar banho em Copacabana, o sr. Amaral Peixoto foi promovido sucessivamente de tenente a almirante, fluando, obeso, nas águas turvas do Estado Novo. Depois fez-se político, presidente de partido e diplomata para uso na América do Norte.

Mais uma vez, através de Amaral, a ala reacionária do PSD anda às voltas com a «união nacional». Dá-se esse nome de união nacional, periodicamente, em nossa vida política e a partir de 1945, ao tenaz esforço de certos políticos no sentido do torpedeamento das eleições. Os partidários da «união nacional» periodicamente quebram lanças para impingir aos eleitores um candidato único. Votem em quem quiser, contanto que seja somente em Fulano. «Pode casar com quem quiser, contanto que seja com a filha do primo Juca». Esta é a moral, este é o sentido democrático da «união nacional» dos crocodilos possedistas, udenistas e anexos, dos homens das cúpulas partidárias.

Enfrentando a garça paulista, o Almirante do asfalto esteve em conferência com o governador Carvalho Pinto, em busca de apoio para a fórmula de «união nacional». Objetivo: conquistar o próprio Carvalho, eleito com apoio de Jânio Quadros, para lançá-lo candidato das cúpulas do PSD e da UDN, Carvalho ou o próprio Jânio.

Debaixo da mesma garça e do mesmo frio úmido, batalhões de repórteres da sadia cercam Amaral e lhe pedem declarações. O Almirante, no entanto, nada tem a dizer e não deseja confessar que suas tentativas não vão além da estaca zero. «Discutimos apenas em tese a união nacional. O governador apresenta muita receptividade». Mas o governador, por sua vez, declara que não admite a felação de se apresentar candidato contra seu grande eleitor Jânio, pois é essa também uma das cogitações de Amaral. E como ninguém, em tese, pode ser contra qualquer espécie de efectiva união nacional, o Almirante, navegando sobre os pneumáticos de um Cadillac, prossegue em suas manobras de alto-mar, com a idéia fixa de evitar um verdadeiro pronunciamento dos eleitores nas urnas e de substituir as eleições por uma farsa. Uma obliteração, como disse aos jornais um correligionário do próprio almirante de chergança, o sr. Cunha Bueno.

No Estado Unidos, onde o sr. Amaral ancorou sua nau capitânea, o «bo» desempenha papel importante nas eleições, podendo usar a chantagem, o corrúptio ou o terror. Al Capone reinou como «bo» em Chicago. Nessa época, 26 dos 30 conselheiros municipais eram condenados por crimes comuns. O antigo prefeito de Nova Iorque Dwyer, era ajudado pelo «gangster» Costello.

A «união nacional» é também um negócio eleitoral, em cuja realização o povo é pósto de lado.



Senador Afonso Arinos

## AS TOLICES DE DANILO

O coronel Danilo Nunes, diretor da Polícia Política e Social, vem se desdobrando, nas últimas semanas, numa atividade publicitária particularmente intensa. Ao lado de missivas enviadas à imprensa e de conferências em organizações patronais, o infeliz coronel vem para frequentar a televisão, onde se exhibe em «shows» semanais como uma e salitante nova vedeta.

O discurso do coronel é sempre o mesmo: o anticorrupção. E como o assunto é por demais batido, além de ser característica do coronel uma lamentável pobreza de imaginação, resulta que os «shows» de Danilo logo se tornam desinteressantes e enfadonhos. O último plano de «dominação da América Latina pela União Soviética», por exemplo, que o coronel Danilo diz com tanta sensacionalismo ter descoberto não se sabe onde, é apresentado pela terceira vez, meses atrás, em duas vezes, em ocasiões diferentes. Já fora publicado em manifesto pelo O Globo. De sorte que as sensacionalistas relações do coronel Danilo não passam de segredos que todos já ouviram e em que ninguém acreditou.

Há, entretanto, uma circunstância que não deve passar despercebida aos leitores. É que todo o esforço propagandístico do coronel Danilo se orienta, invariavelmente, para um objetivo: o combate ao realinhamento de relações entre o nosso país e a União Soviética e demais nações do campo socialista. Essa ofensiva publicitária, que aderirá também à Jaima Câmara em seu programa radiofônico, torna-se mais insistent-

te e agressiva sobretudo nos momentos em que o agravamento das dificuldades econômicas e financeiras enfrentadas pelo Brasil aponta como uma das soluções naturais e inevitáveis a normalização de nossas relações com os países do Leste. Agora mesmo, quando inclusive o ministro interno do Exterior, sr. Sebastião Pais de Almeida, proclama ser uma necessidade nacional o restabelecimento do comércio com a URSS, o coronel Danilo, com uma levandada inconcebível, opinando sobre o que absolutamente não conhece, declara que o comércio com os países socialistas nenhuma vantagem pode trazer ao Brasil. Defendendo que interesses, afinal, o coronel Danilo Nunes gasta tão prodigalmente o dinheiro da nação nesse tipo de propaganda cada vez mais hostil às conveniências de nosso país? Até quando um simples delegado da Ordem Política tem o direito de lançar mão de recursos oficiais para sustentar uma campanha que só pode contribuir para agravar as dificuldades nacionais, quando personalidades da maior responsabilidade do próprio governo reconheceram e proclamaram ser uma necessidade o restabelecimento de nossas relações com os países socialistas?

Parceira não haver dúvida de ter chegado o momento de o próprio sr. Juscelino Kubitschek ordenar ao infeliz Danilo que ponha fim às suas bobagens contra uma medida de governo que se constitui hoje em verdadeiro imperativo nacional: a normalização das nossas relações com os países socialistas.

## ARINOS TRAI O POVO CARIOCA

Pretende impor uma Constituição elaborada por uma elite de técnicos e decidida num plebiscito — Resistir à ameaça de intervenção

O senador udenista Afonso Arinos, já nos primeiros meses do seu mandato, começa a tirar o povo carioca na direção que lhe é tão cara: a sua autonomia política.

Na comissão especial de elaboração da Constituição para examinar a emenda constitucional que cria a transformação do Estado da Guanabara, o senador Arinos, embora declarando-se desinteressado contra a intervenção no futuro Estado, apresentou uma sugestão que consistia, na verdade, a mais

antidemocrática solução para o problema. Eis, em resumo, em que consiste a sugestão do sr. Arinos:

- 1 — os atuais vereadores serão transformados em deputados estaduais até completarem o mandato de quatro anos;
- 2 — a Constituição do Estado da Guanabara será elaborada, à revelia do povo, por uma comissão de 27 técnicos, indicados pelo Senado, Câmara dos Deputados e Câmara de Vereadores, em igual número; e cada;
- 3 — elaborada sem qualquer participação popular, a Constituição, depois de pronta, será submetida a um plebiscito, em que os cariocas terão apenas sim ou não. A ideia do plebiscito, segundo confessou o sr. Arinos perante a comissão especial, é inspirada no exemplo de De Gaulle na França.

Como se sabe, todas as forças autonomistas do atual Distrito Federal são unânimes em exigir a eleição de uma Assembleia Constituinte que, sob a vigilância direta do povo, elabore uma Constituição que corresponda ao nível político da população carioca. E isto é o que a véspera udenista, Arinos, procura suprestar.

### O PARECER JEFFERSON AGUIAR

Enquanto isto, o parecer do senador Jefferson Aguiar, apresentado em relatório anterior da comissão especial, consistiu na pressão do governo para fixar as eleições para governador e vice em 3 de outubro de 1960, decretando com isto a intervenção federal no período entre 21 de abril de 1960 (data da mudança) e a data de posse dos eleitos. Por outro lado, o parecer estabeleceu que o Estado da Guanabara será unimunicipal, não podendo portanto

ser organizado em municípios. Embora esta tese seja deturpada por alguns a base de argumentos ponderáveis, o que não se pode admitir é que este problema deixe de ser decidido pela futura Constituinte, soberanamente. No restante, o parecer Jefferson contém aspectos positivos, como a eleição de uma Constituinte, a arrecadação do imposto de consumo pelo novo Estado e a transformação dos constituintes em legisladores, conforme é tradição em nosso país.

### PROPOSTA GILBERTO MARINHO

O senador Gilberto Marinho, ao que sabemos, vai apresentar em plenário a seguinte sugestão: convocação de uma Assembleia Constituinte, com 25 representantes, que deverá reunir-se antes da transferência da capital, uma vez elaborada a Constituição, esses 25 representantes se incorporarão a atual Câmara de Vereadores, passando a funcionar, antes em Assembleia Legislativa, de 75 deputados.

### PERIGO DE INTERVENÇÃO

Outras em que se encontram os trabalhos da comissão especial, ao lado do grande número de sugestões a respeito de uma Assembleia Constituinte, que não podem adiar, é um novo período de intervenção no atual Distrito Federal. Algumas iniciativas têm surgido contra a ameaça de intervenção e pelo convocação de uma Assembleia Constituinte. As forças autonomistas e democráticas cariocas precisam unirse solidamente para impedir que semelhante ameaça venha a se concretizar.



# POVO APÓIA O GOVÊRNO NA RESISTÊNCIA À PRESSÃO IMPERIALISTA

Enquanto se preparava o comício monstro em frente ao Palácio do Catete, de apoio ao Presidente da República pelo rompimento das negociações com o Fundo Monetário Internacional, chegam à sede do governo, além das manifestações individuais, dezenas e dezenas de mensagens de sindicatos, organizações estudantis e patronais, câmaras de vendedores e assembleias legislativas estaduais de todo o país, expressando ao sr. Kubitschek o mesmo entusiasmo e solidariedade por sua atitude em defesa dos interesses nacionais.

Já o «Manifesto à Nação», assinado por dirigentes políticos sindicais e estudantes, chamando o povo para o comício em frente ao Catete, que iniciará a Semana de Resistência Nacional, é uma prova da unificação de forças em torno do Presidente da República, quando este se decide a conter a ofensiva imperialista.

«Resistindo às exigências do FMI — diz o manifesto — o Presidente da República praticou um gesto de significação histórica, denunciando a política de pressão dos grupos financeiros internacionais, hostis ao desenvolvimento e à emancipação econômica de nosso país.

«Solidários com o governo da República, os abaixo assinados manifestam o seu irrestrito apoio a essa patriótica e enérgica atitude, que revela a decisão de repelir a tutela e a interferência externas nos negócios do país e de conduzir a nossa política exterior exclusivamente de acordo com os interesses nacionais.

O manifesto, encabezado pelos líderes estudantis Rai-

undo Elrado da Silva, presidente da UNE, e Afonso Celso Guimarães, da UBES, foi assinado pelos líderes sindicais Osvaldo Rodrigues dos Santos, da Federação Nacional dos Etilvedores; Nelson Mendonça, da Federação Nacional dos Marítimos; Aluísio Palhano, do Sindicato dos Bancários; Benedito Carqueira, do Sindicato dos Metalúrgicos; Newton de Oliveira, da Federação Nacional dos Gráficos; Alcino Tavares, da União dos Servidores Municipais; Plínio Alves, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados; Argemiro Rocha, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica e Gás; Aldemir Dias Sousa, do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Refino do Petróleo; Luis Gregório da Paixão, do Sindicato dos Marceneiros; Valdir Gomes, do Sindicato dos Marinheiros; Manuel Inácio, do Sindicato dos Trabalhadores na Estiva de Minérios; Armando Maio, do Sindicato Nacional da Marinha de Cabotagem e Marinha Mercante; Arqui-medes Marinho, do Sindicato dos Operários Navais do Rio de Janeiro; Aparício Amaral, do Sindicato dos Comissários da Marinha Mercante; José Alves Campos, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas; Felix Cardoso Dias, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem; Orlando Maurício, do Sindicato dos Oficiais Eletricistas e Trabalhadores nas Indústrias Elétrica, de Gás, Hidráulica e Sanitária; Sostenes P. de Barros, do Sindicato TIEMC, de Pedreiras; Euclides J. Batista, do Sindicato dos Empregados em Hotéis e Similares; Sebastião Santos,

do Sindicato TCB da Marinha Mercante; Epitácio Venâncio da Silva, do Sindicato dos Condutores Autônomos; Manuel Inácio da Silveira, do Sind. dos Foguistas da Marinha Mercante; Aristeu Jacob, da União Beneficentária dos Chauffeurs; Adalberto Rodrigues, do Sindicato dos Alfaiates e Costureiros do Rio de Janeiro; Laudelina Gomes de Carvalho, do Sindicato dos Enfermeiros; Manuel de Azevedo, do Sindicato dos Rodoviários e Anexos; Otonio Cenedo Lopes, do Sindicato Nacional dos Açougueiros; Ivan Alkmim, do Sindicato Nacional dos Aeronautas; e Manoel Lima da Silva, do Sindicato Nacional dos Telfoneiros e Cozinheiros Marítimos; pelos deputados federais Bento Gonçalves, Presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, Celso Brant, Osvaldo Lima Filho, Almir Alvarés Afonso, Lício Hauer, Breno Silveira, Cláudio Freitas, Hélio Ramos, Floriceno Paixão, Ortiz Monteiro, Valdir Simões, Milton Brandão, Artur Virgílio, Temperani Pereira, Bocaluiva Cunha, Fernando Santana, Cid Carvalho, Ramon de Oliveira Neto, Coutinho Cavalcanti, Paiva Muniz, Nogueira da Gama, e Amaral Furlan, além dos catedráticos da Universidade do Brasil, srs. Alvaro Vieira Pinto e Latorre de Faria, e do dirigente da Mocidade Trabalhista, Benedito da Silva Freire.

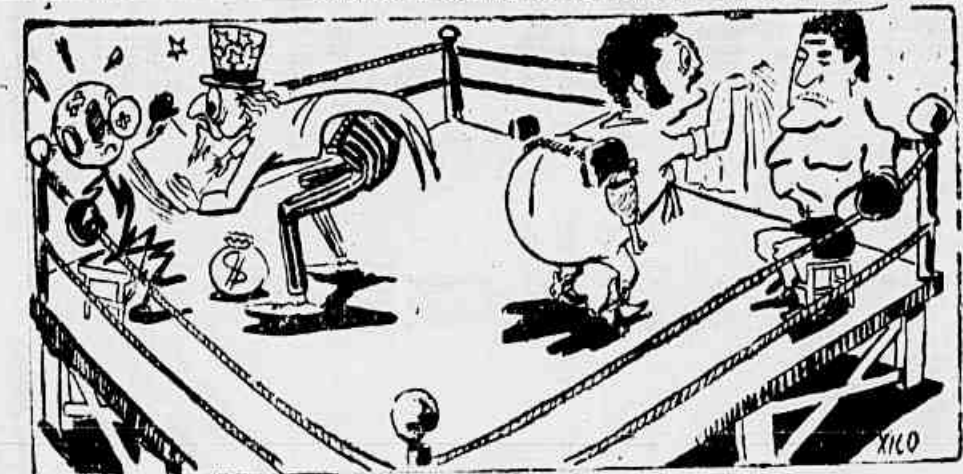
dê uma acolhida especial: a que lhe enviaram os dirigentes sindicais de seu Estado natal, Minas Gerais. Em sua mensagem, disseram os líderes dos trabalhadores mineiros que, «representando o sentimento dos trabalhadores da gloriosa terra de Tiradentes, e ainda sentindo em seu sangue o mesmo ideal de liberdade que nos legou aquele mártir e herói da nacionalidade, neste momento histórico da vida nacional, quando V. Excia. em atitude histórica e atanhada, toma posição clara e definitiva em defesa da nossa própria nacionalidade, preservando a nossa condição de povo soberano, dirigem-se a V. Excia. para hipotecar-lhe sua irrestrita e incondicional solidariedade».

Ao mesmo tempo, entretanto, os trabalhadores mineiros advertiram o sr. Kubitschek:

«Vale a pena recordar, nesta oportunidade, Exmo. Sr. Presidente, todas as advertências que o iminente Presidente Getúlio Vargas legou à posteridade, em sua memorável carta-testamento, pois o saudoso presidente foi levado ao extermínio justamente por não ter tido, no momento próprio, todo o apoio de que necessitava, e por não ter advertido o povo dos perigos que nos ameaçavam e que o levaram à morte».

Após apontar nos grupos imperialistas as forças hostis ao país, os líderes sindicais mineiros reafirmam: «Os trabalhadores, portanto, vêm manifestar a V. Excia. toda a sua solidariedade, neste momento histórico, esperando que V. Excia. concretize, com medidas efetivas, a nossa libertação dos grilhões imperialistas.» (Conclui na 7.ª página)

LEMBRANÇA DA EXPOSIÇÃO DE CARICATURAS PRO-ENCAMPAÇÃO PATROCINADA PELO SINDICATO DE TRABALHADORES EM ENERGIA ELÉTRICA DE PORTO ALEGRE, DE 27 A 30 DE MAIO DE 1959



## Aprovada Pela Justiça a Encampação Da Bond And Share Gaúcha

O Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, reunido segunda-feira última, declarou, por unanimidade de votos, a legitimidade do ato de emissão do Estado na posse dos bens da Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense, a filial gaúcha da «Bond and Share». Ficou assim anulado o agravo impetrado pela CEEERG, contra o ato do Desembargador Paulo Beck Machado, Juiz da II Vara da Fazenda, que concedera a emissão ao Estado. Na mesma sessão do Tribunal, por 18 votos contra 2, foi negado o mandato de segurança impetrado igualmente pela «Bond and Share», contra o decreto do Governador Brizola, encampando a CEEERG.

As decisões foram tomadas com as dependências do Tribunal, em Porto Alegre, completamente lotadas por juristas, homens públicos e populares, empenhados na expulsão do trustee lanque da terra gaúcha, e que não se contiveram e explodiram em aplausos aos votos dos desembargadores.

O mandato de segurança havia sido pedido pela «Bond and Share» sob a alegação de que seria necessária a aprovação prévia e pessoal do Presidente da República para a legitimidade de qualquer ato de encampação, pelos governos estaduais, de empresas de serviços públicos. O agravo do ato de emissão foi justificado pelo trustee com o fato de que o governador Brizola fez o depósito judicial de apenas 20 milhões de cruzeiros, para atender à indenização que eventualmente tenha direito a CEEERG, o que, no entender desta, contraria a exigência legal de uma justa e prévia indenização à empresa encampada.

Com seus dois votos maciços, o Tribunal de Justiça do Rio Grande consagra definitivamente a tese de que o parecer favorável do Conselho Nacional de Águas e Ener-

gia Elétrica é suficiente para o ato de encampação, e a de que as conclusões da Comissão de Tombamento do Ministério da Agricultura devem ser levadas em conta, no que concerne à indenização. Sabê-se que a Comissão de Tombamento, nomeada para a investigação da contabilidade da CEEERG, concluiu que esta empresa, muito ao contrário de ter direito a indenizações, deveria restituir ao Estado 291 milhões de cruzeiros, correspondentes a lucros obtidos fraudulentamente em excesso sobre seus investimentos, no caso de ser encampada.

Dessa forma fica liquidada, no âmbito do Rio Grande, a questão judicial levantada pela «Bond and Share», sobre a encampação da CEEERG. É provável que o trustee imperialista recorra da sentença para o Supremo Tribunal Federal. Teremos então a nova e última batalha dessa luta já quase ganha, pela encampação da CEEERG, que, sem dúvida alguma, marca o início de uma fase decisiva no movimento antiimperialista em nosso País.

**INTERVENÇÃO EM MINAS**

Enquanto se consolida a conquista do povo gaúcho, em Minas Gerais o governo federal continua entravando a encampação da filial local da Bond and Share, a Companhia Fôrça e Luz de Belo Horizonte. Uma numerosa delegação de vereadores, deputados estaduais e líderes sindicais veio a esta Capital, no início da semana, e reiterou ao Presidente da República o desejo expresso pela unanimidade da população belo-horizontina de que seja encampada a CFMG. Também o governador Bias Fortes, em declaração à imprensa da Capital mineira, reafirmou os termos de sua carta ao Presidente da República, na qual pediu a autorização federal para intervir na «Bond and Share» mineira.

# CRISE CAMBIAL TEM SOLUÇÃO

Se o FMI houvesse concedido ao Brasil o empréstimo de 300 milhões de dólares, naturalmente sem as condições que o tornaram impossível, estariam superadas as dificuldades do país? Seria isto uma solução para a atual crise cambial? Uma análise, mesmo rápida do comércio exterior do Brasil indica que não.

Tal empréstimo seria apenas um novo empréstimo, semelhante a outros anteriormente feitos pelas mesmas causas. Só a remoção dessas causas poderá significar uma solução integral para as dificuldades cambiais do país, de tal sorte que não se reproduzam conjunturas como a presente.

**O PORQUE DOS DEFICITS**

Na verdade, não há solução integral a curto prazo para as atuais dificuldades econômicas do país. E isto devido ao caráter do nosso comércio exterior tanto no que se refere à natureza dos produtos exportados, como, aos mercados com que transacionamos. A principal característica das exportações brasileiras é que são compostas de produtos primários — gêneros alimentícios e matérias-primas industriais. Os preços desses produtos não são fixados pelo Brasil, que os vende, mas pelos mercados estrangeiros, que os compram e que, mediante baixas de cotações nas bolsas, ou através da desvalorização da nossa moeda, impõem a redução nos seus preços. São expressivos as palavras do ex-ministro da Fazenda Horácio Lacerda, a esse respeito, em recentes declarações à imprensa: «Uma das principais tendências que hoje se registra, das instaurações de...

tadores de produtos brasileiros no sentido de desvalorizarmos nossa moeda. Está claro que, no jogo natural dos interesses privados, pensam esses setores pagar menos na sua divisa, já que os produtores recebem mais, internamente». A seguir, confirma que tal pressão, frequentemente envolve técnicos dos organismos internacionais (como é o caso do FMI), os quais fazem o mesmo jogo dos importadores estrangeiros.

**O EXEMPLO DO CAFÉ**

Tomemos como exemplo o café, nosso principal produto de exportação, com o qual obtemos mais de metade da nossa receita em dólares. De janeiro a dezembro do ano passado, a Bolsa de Nova Iorque reduziu o preço do café em cerca de 18 dólares por saca. Segundo o boletim da SUMOC, de março último, somente devido à queda das exportações de café (em preços e em quantidade), o Brasil recebeu a menos, em 1958, 158 milhões de dólares, relativamente a 1957.

Para justificar esse escandaloso assalto à nossa economia, alegam os importadores que os preços caíram devido ao excesso da produção de café, tanto no mundo, como no Brasil. Escondem-se por trás da lei da oferta e da procura. Entretanto, esse mesmo raciocínio não é aplicado quando se trata dos produtos comprados pelo Brasil. Com efeito, a economia norte-americana atravessou o ano passado uma crise de superprodução. Certas indústrias, como a do aço, tiveram que reduzir a produção. Por que, então, por efeito da mesma lei da oferta e da procura, os preços do aço não

Mesmo que fosse concedido o empréstimo de 300 milhões, as dificuldades continuariam a existir e a agravar-se — Lei de ferro contra o Brasil: baixam os preços dos nossos produtos e vendem mais caro o que importamos — Duas medidas que viriam aliviar a presente situação cambial — Não existe o dilema Estados Unidos ou União Soviética

se reduziram, tal como aconteceu com o nosso café? E evidente que se os preços das nossas importações tivessem caído na mesma proporção que os daquilo que vendemos, não estaríamos a braços com a crise cambial. Entretanto, a queda nos preços das importações não se deu porque quem os fixa são igualmente, os magnatas estrangeiros.

Estes fatos mostram que a tendência da situação, este ano, é para agravar-se. E uma solução de fundo para o problema do comércio exterior consiste em diversificar os nossos produtos exportáveis. Enquanto nossos receitas em dólares dependerem tanto de um só produto, estaremos à mercê dos tabarões internacionais.

**E AS IMPORTAÇÕES?**

Poder-se-ia pensar que uma solução seria também restringir as importações. Entretanto, tal medida significaria forçosamente comprometer o desenvolvimento do país. Entre 1948 e 1956, revelam as estatísticas que 80 por cento das importações brasileiras foram constituídas de bens de capital, de elementos necessários ao incremento da produção. E se entre os restantes 20 por cento do bens de consumo há importações que poderiam parecer supérfluas — como bacalhau, frutas, vinhos, cristais, etc. — trata-se de compensação necessária aos acordos comerciais que assinamos, pois os países a quem vendemos os nossos produtos também precisam ter mercado para os seus. Além disso não devemos esquecer que o Brasil, embora ainda em pequena escala, também exporta artigos como vinhos, castanha-ao-pará, frutas, etc.

**AMPLIAÇÃO DOS MERCADOS**

Longe de significar que soluções parciais são impossíveis, as atuais dificuldades devem apressar-nos a que encontremos essas soluções. Uma delas é a ampliação do comércio exterior, especialmente com a URSS, a China e outros países socialistas. O assunto já tem sido amplamente debatido, já não se acha no terreno das conjecturas. Em recente entrevista, o ministro Barbosa da Silva confirmou que o Itamarati tem em mãos «uma quantidade imensa de propostas», da URSS para comercializar com o Brasil. Entre outras coisas, diz o ministro, que a URSS propõe comprar nos 3 milhões de sacos de café e acrescenta-lhe próprio: «Na base de um milhão de sacos por ano, isso nos daria de 30 a 40 milhões de dólares anualmente. Não é soma desprezível...» Em troca, a URSS oferece-nos matéria-prima para a indústria, em cuja compra atualmente dependemos dólares que, assim, seriam poupados. Entre tais produtos figura o aço, ora importado, em chapas, para a indústria automobilística.

Além do mais, há outro aspecto que não pode ser perdido de vista. Quanto maior for o número de mercados de que disponha o país, tanto menor será a dependência a um só

comprador. Ainda no ano passado, as compras de minérios brasileiros pelos Estados Unidos caíram em consequência da recessão norte-americana. Mas, a economia nacional quase não se ressentiu com isso, porque a Polónia e a Tchecoslováquia elevaram consideravelmente suas compras de minérios no Brasil.

**MEDIDAS CABÍVEIS**

Ninguém pode negar que a economia nacional está atravessando grave conjuntura, que justifica, plenamente, a adoção de medidas de emergência. Uma dessas medidas, é a limitação nas remessas de lucros e dividendos para o exterior, uma das principais fontes de despesas cambiais. Tal medida, nada tem de revolucionária, nem será adotada pela primeira vez em nossa história. Efetivamente, não se trata de limitar os lucros ou restringir, por qualquer modo, a propriedade de quem quer que seja; mas, apenas, de fazer com que parte (veja-se: parte e não todos) dos lucros hoje remetidos seja reinvertida nas empresas estrangeiras que aqui funcionam. Amanhã, numa situação cambial mais favorável, poderá ser restabelecida a exportação normal, dentro dos limites legais. Nesse sentido, o projeto do deputado Sérgio Magalhães, ora em curso na Câmara, apresenta uma base perfeitamente aceitável.

E que não seria esta a primeira vez, basta lembrar que logo depois de 1930, quando o Banco do Brasil achava-se sem disponibilidades em divisas, foi suspenso totalmente (e não em parte) o pagamento da dívida externa, que então se elevava a 1 bilhão e 200 milhões de dólares (entre libras esterlinas, dólares, francos, etc.

Nem por isso, deixou o Brasil de saldar seus compromissos e hoje a mencionada dívida está quase toda paga. Na presente emergência, a medida antes indicada — limitação das remessas de lucros — é perfeitamente justificável e a garantia oferecida está precisamente no fato de ser o Brasil um país em desenvolvimento, onde dificuldades como a presente, são perfeitamente superáveis.

**DILEMA ABSURDO**

Por fim, nada mais absurdo do que situar o problema como o têm feito calculadamente certa imprensa e certos elementos interessados em que a atual situação se agrave. Desejam eles: fracassar as negociações com os Estados Unidos e por isto devertir o Brasil à busca e solução na URSS. Em verdade, tal dilema não existe no presente momento.

Nos seus justos termos, a questão deve ser compreendida como sendo necessária ao Brasil adotar uma política externa independente, negociando tanto com os Estados Unidos, como com todos os demais países, entre eles a União Soviética, vasto mercado. Só um delirante poderia cogitar da supressão dos laços comerciais com os Estados Unidos e só um raciocínio cego pelos preconceitos rechaça o comércio com o campo socialista. Não se trata, assim, de uma política contra A ou contra B, mas de uma política em favor do Brasil, encarada do ponto de vista dos interesses nacionais, tomada de uma posição soberana e independente.

Depois do passo dado pelo governo, repelindo as imposições lesivas e descaídas do FMI, são proclamações como estas que a Nação espera do governo

comprador. Ainda no ano passado, as compras de minérios brasileiros pelos Estados Unidos caíram em consequência da recessão norte-americana. Mas, a economia nacional quase não se ressentiu com isso, porque a Polónia e a Tchecoslováquia elevaram consideravelmente suas compras de minérios no Brasil.

**MEDIDAS CABÍVEIS**

Ninguém pode negar que a economia nacional está atravessando grave conjuntura, que justifica, plenamente, a adoção de medidas de emergência. Uma dessas medidas, é a limitação nas remessas de lucros e dividendos para o exterior, uma das principais fontes de despesas cambiais. Tal medida, nada tem de revolucionária, nem será adotada pela primeira vez em nossa história. Efetivamente, não se trata de limitar os lucros ou restringir, por qualquer modo, a propriedade de quem quer que seja; mas, apenas, de fazer com que parte (veja-se: parte e não todos) dos lucros hoje remetidos seja reinvertida nas empresas estrangeiras que aqui funcionam. Amanhã, numa situação cambial mais favorável, poderá ser restabelecida a exportação normal, dentro dos limites legais. Nesse sentido, o projeto do deputado Sérgio Magalhães, ora em curso na Câmara, apresenta uma base perfeitamente aceitável.

E que não seria esta a primeira vez, basta lembrar que logo depois de 1930, quando o Banco do Brasil achava-se sem disponibilidades em divisas, foi suspenso totalmente (e não em parte) o pagamento da dívida externa, que então se elevava a 1 bilhão e 200 milhões de dólares (entre libras esterlinas, dólares, francos, etc.



# FERROVIÁRIOS:

Os trabalhadores da Central reivindicaram a formação de uma comissão marcada para o Palácio do Catete em um encontro de líderes ferroviários com o presidente Kubitschek. A resolução dos operários se deveu a uma solicitação do próprio Presidente da República, que não achou prudente nem oportuna a manifestação coletiva proposta, preferindo, como no caso da contenda marcada da fome dos trabalhadores paulistas, receber uma comissão de líderes, através da qual tomou conhecimento, pessoalmente, das reivindicações da corporação.

## Reivindicações

Embora a decisão do encontro com o Presidente da República tenha partido dos ferroviários da Central do Brasil, as reivindicações levadas na última terça-feira ao sr. Juscelino Kubitschek são de interesse de quase todos os empregados das 18 empresas que compõem a Rede Ferroviária Federal, particularmente as que se relacionam com a inclusão de todos os trabalhadores da RFF no plano de classificação em discussão no Senado, o pagamento do abono de 30% sobre o salário mínimo regional e a inclusão dos contratados e pessoal de obras no quadro de funcionários da empresa.

## Pessoal de Obras

A situação do pessoal de obras, que recebe por verbas especiais e a que se apresenta mais irregular, esses trabalhadores, que somam milhares na Central do Brasil, tiveram, na prática, os seus vencimentos reduzidos, graças a um

expediente velhaco da administração da Rede que, quando da decretação do abono provisório de 30%, resolveu incluir nessa porcentagem o salário família e os adicionais que os trabalhadores já recebiam. Deste modo, não teve o pessoal de obras o acréscimo de 30% em seus salários, mas a inclusão no referido abono dos benefícios que antes recebiam. Para corrigir essa irregularidade é que a União dos Ferroviários do Brasil está liderando a luta pelo pagamento do abono provisório sobre o salário mínimo vigente na sede da Rede.

## Os Aposentados

Os ferroviários da Leopoldina, que se encontravam em situação idêntica, conseguiram, após a realização da greve, e a instauração do dissídio coletivo, que o Supremo Tribunal Federal determinasse fosse feito o cálculo para pagamento do abono sobre o salário mínimo regional, mantendo intactos os outros benefícios.

## Os Aposentados

Mas não é apenas na Capital da República que os ferroviários se movimentam na luta em defesa dos seus interesses, como também não são os trabalhadores ativos os únicos prejudicados pela administração da Rede. Os aposentados, que vão a mais de 10 mil em todo o país, não tiveram até hoje os seus proventos reajustados, estando a maioria deles, inclusive os três mil da Santos-Jundiaí, recebendo ainda aposentadoria na base de 3.700 cruzeiros. Em consequência disso, desenvolve-se ao longo de quase todas as linhas de ferro um quadro

## Reportagem de

NILSON AZEVEDO

## Nordeste

Os trabalhadores da Rede Ferroviária do Nordeste, além de se encontrarem empenhados na luta geral reivindicatória dos ferroviários de todo o país, reclamam especificamente o cumprimento do item B do acordo firmado em setembro de 1958, pelo qual são asseguradas 6 horas de trabalho para o serviço burocrático e 8 horas para os serviços industriais. Esse item não vem sendo cumprido pela direção da Ferrovia, cujos trabalhadores continuam operando durante 12 e até 14 horas diárias, sem, contudo, receber o pagamento das horas extraordinárias.

A dívida da Rede para com os aposentados e pensionistas da Santos-Jundiaí e da Leopoldina já atinge a quase 100 milhões de cruzeiros. Desde 1952 que os aposentados e pensionistas vêm lutando para conseguir os benefícios a que têm direito. Até hoje, entretanto, a sua situação permanece a mesma.

Em dezembro de 1958 foi criada, no Ministério da Viação, uma comissão destinada a estudar a situação dos aposentados e pensionistas e elaborar o quadro geral das dívidas da Rede para com os ferroviários e suas famílias, a fim de fazer incluir a verba correspondente no orçamento da União. Esse estudo, pelo que se sabe, já está concluído, encontrando-se em mãos do Ministro Lúcio Meira.

Os trabalhadores, que vêm acompanhando o desenrolar dos acontecimentos, estão enviando, de todas as localidades servidas pela Rede, telegramas e abaixo-assinados ao Ministro da Viação e demais autoridades competentes, solicitando lhes providências para que o pagamento dos atrasados se inicie no próximo mês de julho.

# NOVAS E VELHAS REIVINDICAÇÕES

## Conselho da Federação

Tendo em vista a imbução das campanhas reivindicatórias que se desenvolvem em todas as ferrovias do país, a Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários resolveu convocar o seu Conselho de Representantes para uma reunião programada para os dias 18 e

19 de julho próximo, quando serão examinadas todas as questões ainda pendentes de solução. O Conselho de Representantes examinará ainda o problema relacionado com o Estatuto do Ferroviário do Brasil, cujo anteprojeto se encontra na Câmara dos Deputados desde 1955. Trata-se de uma velha aspiração dos ferroviários que pretendem ser regidos por uma legislação específica e uniforme, disciplinadora de seus direitos e deveres. O Estatuto do Ferroviário visa a por termo a disparidade de tratamento a que estão submetidos os trabalhadores desse ramo.

A fim de melhor encaminhar a discussão do assunto, a Diretoria da Federação providenciou o envio de convites a parlamentares de todos os partidos, para que no dia 18 de julho, no dia 18, possam tomar conhecimento do apelo dos trabalhadores no sentido de que seja rapidamente discutido e aprovado o Estatuto do Ferroviário.

Quanto às demais questões relacionadas com a Rede, comprometer-se o vice-presidente desta entidade, sr. Getúlio de Moura, a participar da reunião do dia 19, onde serão discutidas todas as reivindicações dos trabalhadores da Rede Ferroviária Federal.

# "Ou Trabalham Com Fome Ou Entram Na Borracha"

"Ou trabalha com fome, ou entra na borracha" — esse o princípio instituído e oficializado na Fazenda Moreira Salles, situada no município de Gelo-Verde, no Paraná, onde Orides, chefe de um bando de ladroes, obrigando os arrendatários de suas fazendas a encarecer de fazer justiça entre os lavradores.

## DERROTAR AS MAQUINAÇÕES DO FMI

ROBERTO MORENA

Os trabalhadores, ao lado dos estudantes, intelectuais, dos patriotas de todas as camadas sociais, erguem sua voz, mobilizam suas forças, para apoiar o governo na resposta enérgica aos imperialistas do Fundo Monetário Internacional. É uma posição coerente com todos os seus reiterados pronunciamentos anteriores. Decorre da luta que travamos em defesa do petróleo brasileiro e da implantação do monopólio estatal desse produto. Sangue dos trabalhadores fluiu as páginas dessa luta de libertação de nossa pátria. Ela é uma sequência das batalhas que travamos, em defesa da indústria nacional, como no combate à instalação da American Can — ou dos serviços da Lockheed Services, e ainda, da indústria ferroviária ameaçada pela posição dos diretores da Rede Ferroviária Federal.

Agora, porém, os trabalhadores se empenham numa batalha de maior importância. Desvendando-se para todo o povo o que se fazia nos bastidores dos organismos financeiros dominados pelos trusts internacionais, foram postas à nu as maquinacões contra o desenvolvimento de nosso país. Soube-se como se conspira contra a nossa independência econômica. Numa palavra, esclareceu-se o que já se sabia: que querem manter nossa pátria no atraso e na submissão. Por isso é que os trabalhadores e suas organizações estão lutando com firmeza contra todas as maquinacões dos trusts internacionais. Mas, essa posição tem de ser continuada, sem parar, até as suas últimas consequências, não permitindo que os agentes dos trusts internacionais passem à contra-ofensiva ou consigam deter a ação do governo, fazendo-o recuar de sua posição. Nenhum Sindicato, Federação ou confederação pode estar ausente dessa luta. Ao lado de todas as atividades diárias, esta agora é a mais importante. Sem que lutemos contra as causas fundamentais da crise e do nosso atraso, as demais resultam inúteis ou ineficazes. Assembleias sindicais, de esclarecimento. Visita às fábricas para travar debates. Apoio ao governo reclamando dele que desta vez o Brasil possa negociar livre e abertamente com todos os povos do mundo. Que se vendam os nossos produtos a todos. Agora é por em prática o que resolvemos em todos os nossos Congressos e Conferências. Chegou o momento de nos unirmos em torno da defesa de nossa soberania e independência, para que não corramos o risco de chegar a situação em que se encontram os nossos irmãos argentinos, que divididos, não puderam em tempo repelir a tração de Frondizi e nem reagir os mais categorizados homens dos trusts internacionais que exploram a Argentina.

Lutemos, sem cessar e com continuidade. A luta não pára aqui. Agora é que ela toma corpo e consistência. E os trabalhadores e todo o movimento sindical têm que estar na frente e na cabeça dessa luta. Esta é sua grande missão.

## NA TECELAGEM SANTA LINA

NINGUEM RECEBE SALÁRIO MÍNIMO

QUAIA — R. PAULO (De Correspondente)

Os trabalhadores da Fábrica de Tecidos da Fazenda Santa Lina, situada nesta cidade, continuam submetidos a um regime de exploração inquisitorial. Os jovens operários de menor idade realizam trabalho ferial de dez adultos e ganham a metade do salário mínimo, pagamento esse que não é feito, pois os patrões, quando se faltam, não recebem nada. Os adultos, por sua vez, não recebem nem o salário mínimo a que têm direito. O patrão, visando a obter maior rendimento no trabalho, e aumentando a produtividade das operações, reduziram o regime de salário por tarefa, mas pagam tão pouco pelo produto que os trabalhadores não conseguem sequer alcançar o salário mínimo decretado para o Paraná.

Trabalha-se aqui em condições deploráveis, mas não são as autoridades locais, pelos trabalhadores pressionados, mas sim a própria administração da fábrica, que mantém esse regime de exploração. O sindicato, os trabalhadores, por não terem conseguido obter o salário de acordo com o lei O Promotor, está a promover a greve dos trabalhadores, a fim de que possam obter o salário de acordo com a lei. O Promotor está a promover a greve dos trabalhadores, a fim de que possam obter o salário de acordo com a lei.

# Conferências De Lavradores e Trabalhadores Agrícolas

O que será debatido pela ULTAB — No Estado do Rio

Reunir-se-á em São Paulo, de 18 a 20 de setembro, a primeira conferência da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB).

A conferência tem por objetivo deliberar sobre as seguintes questões:

- 1) Medidas de reforma agrária no Brasil. A legislação agrária existente e os projetos de leis agrárias em curso no Congresso Nacional.
- 2) As organizações dos lavradores e trabalhadores agrícolas e os seus problemas.
- 3) A situação dos trabalhadores das plantações.

Como a conferência será reformada, os estatutos da ULTAB e eleitos os seus órgãos dirigentes.

A conferência nacional da ULTAB está sendo convocada de reuniões nos vários Estados, onde a organização dispõe de entidades des associadas.

Participarão da conferência com direito a voz e voto os representantes das organizações filiadas, membros e afins da ULTAB, associações, unions, cooperativas, ligas, etc., além dos membros dos órgãos dirigentes da ULTAB.

Serão participantes apenas com direito a voz os delegados eleitos em comitês estaduais e municipais de trabalhadores agrícolas e lavradores, delegados eleitos em assembleias de fazendas, fazendas e povoados rurais, os representantes de sindicatos de trabalhadores rurais e de empregados rurais, além de entidades especializadas.

## Conferência do Estado do Rio

Esta programação será realizada nos dias 28, 29

## TEMARIO DA CONFERÊNCIA

A Comissão Promotora da Conferência aprovou o seguinte temário e regimento interno para orientar os trabalhos da Conferência:

- 1) Medidas de Reforma Agrária no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro de acordo com as leis e projetos existentes; a situação dos possesores; fornecimento de adubos, sementes, máquinas, créditos, preço mínimo e escoamento da produção;
- 2) Situação dos Trabalhadores Rurais e aplicação das leis que os beneficiam;
- 3) A situação dos trabalhadores nas plantações de cana-de-açúcar, arroz, café, etc.
- 4) A organização dos lavradores e trabalhadores agrícolas fluminenses.

## REGIMENTO INTERNO

Participam da Conferência com direito a voz e voto os representantes das diretorias das organizações dos lavradores e trabalhadores agrícolas do Estado (Associação, núcleos, sindicatos de trabalhadores rurais, etc.); os delegados eleitos nas conferências municipais ou assembleias locais para tal fim convocadas nas fazendas, fazendas, povoados rurais, etc.

Com direito apenas a voz poderão participar da conferência: a) os representantes das diretorias de sindicatos e associações profissionais de trabalhadores rurais; b) os representantes das diretorias de organizações populares, centros, melhoramentos, associações de bairros, associações femininas, estudantes, etc.; c) os representantes do Governo, parlamentares, etc., assim como o representante de entidades de trabalhadores e lavradores agrícolas de grau superior, ou que não aderiram formalmente à conferência e participam como observadores.

## APOIO AO GOVERNADOR

Resolveram ainda os lavradores apoiar uma ação de congrelações a ser enviada ao governador Roberto Silveira e ao seu secretário de Trabalho, sr. Jonas Beldense, pelas entidades democráticas que vêm atuando em favor dos camponeses fluminenses, incluindo as suas organizações, e procurando uma solução adequada para os problemas da terra no Estado do Rio.

## MOVIMENTO SINDICAL

### OPERARIOS NAVAIS

No próximo dia 5 de julho, na sede do Sindicato dos Operários Navais, em Niterói, haverá a solenidade de posse da nova Diretoria, eleita no pleito realizado no dia 29 de maio. Duas chapas concorreram às eleições: a número 1, encabeçada pelo sr. Firmino Fernandes, obtendo 2.855 votos, tornando-se vitoriosa; a número 2 abançou 141 sufrágios.

### RADIOTELEGRAFISTAS

Ainda não está definida a data de posse da nova Diretoria do Sindicato dos Radiotelegrafistas da Marinha Mercante, cuja eleição ocorreu no dia 30 de maio, tendo sido eleita a chapa número 1, encabeçada por Leirício Couto, e derrotada a número 2, que tinha a frente Antônio Castor da Silva.

### OFICIAIS DE NAUTICA

A chapa encabeçada pelo líder Serapiá, Nascimento foi eleita para compor a nova Diretoria do Sindicato dos Oficiais de Nautica da Marinha Mercante. Duas chapas disputaram a eleição: a número 1, encabeçada por Serapiá, e a número 2, por Antônio F. Balbo.

### MESTRES-DE-OBRA

Realizou-se, no dia 25 de maio a posse da nova Diretoria da Sociedade Beneficente dos Mestres-de-Obra de Construção Civil do Rio de Janeiro, entidade fundada em maio de 1938 com o objetivo de prestar serviços assistenciais aos seus associados, mantendo, inclusive, uma agência de educação. A nova Diretoria ficou constituída dos srs. Armando Rodrigues de Almeida, Delmar de Melo Mascarenha, e Manoel Teixeira da Rocha, respectivamente presidente, secretário e tesoureiro.

### BANCARIOS DE NITEROI

No Salão Nobre da Associação Comercial, em Niterói, realizou-se, no dia 10 do corrente, a solenidade de posse da nova Diretoria do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Niterói. A Diretoria eleita e encabeçada pelo líder Firmino Silveira de Moura.

### INDUSTRIA DE FUMO

Em assembleia geral realizada no dia 15, em sua sede, os trabalhadores da indústria do fumo autorizaram a Diretoria do Sindicato a entrar em entendimento com os patrões, e exigiu 20 por cento de aumento de salário na base da última acordo, realizado em novembro de 1958, isto é, 7.400,00 cruzeiros.

### TRABALHADORES FLUMINENSES

Será instalada solenemente no próximo dia 28, em Niterói, a II Conferência dos Trabalhadores Fluminenses. O encontro, que vem sendo amplamente preparado, inclui em seu temário a discussão de assuntos de relevante importância para a vida dos organizações sindicais e dos trabalhadores do Estado do Rio.

## ENGODO

Através da promessa de que trabalhariam recebendo uma diária de 80 cruzeiros, livres das despesas de alimentação, 44 lavradores, procedentes de Moreira Salles, divisa de Minas com São Paulo, foram trabalhar na Fazenda Moreira Salles em abril último. Logo nos primeiros dias de trabalho, sentiram que tinham sido enganados. A alimentação que lhes era servida, além de ruim não chegava nem para manter o organismo obrigatório a um regime de fome permanente. Pesalvados com a situação, os homens que estavam dispostos a trabalhar, mas não a morrer de fome, resolveram se transferir para uma fazenda vizinha, onde encontraram um tratamento compatível com a sua dignidade de trabalhadores. Não sabem quem que estavam se rebelando contra a lei da Fazenda Moreira Salles onde todo trabalho com fome ou se entra na borracha. É o trabalho lei o que acaba nos braços — um bocado de justiça, portanto, um destacamento policial obrigou os lavradores, sob ameaça de prisão, a voltarem para o trabalho do sr. Moreira Salles, onde continuam trabalhando como escravos.

## NOVOS CONSELHEIROS DO IAPI

Os membros dos Waldemar Luiz Alves e Wilson Carneiro foram eleitos para o Conselho Federal do IAPI. Para suplentes foram designados os srs. Agostinho Leites e Carlos do Costa Juchá. A apuração realizada no dia 14 do corrente quando foram abertas as urnas provenientes de todos os Estados. Após a abertura foi instalada o Congresso Nacional dos Delegados. Entendos que a programação do dia 21 de setembro.

ASSINE "NOVOS RUMOS"



POSIÇÕES DE CLASSE NA ESFERA DO CÂMBIO

REFORMA CAMBIAL E FALSA CIÊNCIA

JACOB GORENDER

(Especial para NOVOS RUMOS)

AOS LEITORES

Em nosso número anterior, numerosos foram os erros de revisão. Entre eles, apresentou maior gravidade o empastelamento do artigo de Jacob Gorender - "Reforma cambial e falsa ciência" - que se tornou ilegível. Resolvemos, por isso, republicar essa colaboração especial de NOVOS RUMOS, mesmo porque ela se reveste de particular interesse no momento atual. Por outro lado, tomamos medidas tendentes a evitar que tais irregularidades se repitam.

A DIREÇÃO.

do livre). Em 1988 é que o câmbio médio foi de Cr\$ 17,62 por dólar. Os economistas do FMI estabeleceram por base não a taxa média de todo o ano de 1937, mas apenas do seu mês de dezembro, quando já havia plenamente retomado o seu curso, através do jogo da oferta e da procura de divisas, a tendência à desvalorização cambial do cruzeiro, interrompida de abril de 1936 a agosto de 1937.

Uma vez estabelecido, com espírito malicioso, e não científico, o índice de base, é fácil compreender que o cálculo daí decorrente será todo falso. No caso, o objetivo se torna visível: exagerar ao máximo o que se apresenta como desvalorização real do cruzeiro para justificar e fazer necessária a projetada reforma do sistema de câmbio brasileiro.

COMO SE PODE REALIZAR CÁLCULO DIFERENTE

Sem pretender alcançar resultados exatos, mas apenas aproximativos, pensamos que é muito mais correto para um cálculo desta natureza, adotar por base não o ano de 1937, como fizeram os economistas do FMI, mas o de 1948, quando o governo brasileiro declarou oficialmente ao próprio FMI a taxa paritária de Cr\$ 18,50 por dólar. Podemos considerar esta taxa razoavelmente aproximada do valor real do cruzeiro em 1948, ano que se já não pertence ao período de disponibilidades cambiais resultantes da conjuntura de guerra, foi, porém, apenas o início do período seguinte de escassez cambial. Isto é, de de-

equilíbrio, que hoje está tão acentuado, entre a oferta de divisas e a sua procura. Em 1948, gozava ainda o cruzeiro de relativa estabilidade cambial entre outros motivos porque de 1945 a 1948 (inclusive) os ritmos da inflação no Brasil e nos Estados Unidos foram quase coincidentes. Reduzindo para 1948 os mesmos índices adotados pelo FMI para os preços por atacado no Brasil e nos Estados Unidos e partindo da taxa básica de Cr\$ 18,50 por dólar naquele ano, podemos compor o seguinte quadro, em que figura uma estimativa das sucessivas taxas paritárias do cruzeiro:

QUADRO II

Table with 2 main sections: Índices dos preços por atacado (1937-1951) and Índices dos preços por atacado (1952-1958). Columns include ANOS, taxa paritária, and taxa.

Como se vê, temos para 1958 uma estimativa de taxa paritária do cruzeiro, que representa apenas 57% da que é calculada pelo FMI, ou seja, Cr\$ 10,74 por dólar. Lembremos, a propósito, que os economistas do Itamarati, no seu estudo intitulado A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL E, EM PARTICULAR, DO BRASIL, adotaram, baseadas na CEPAL, uma taxa de conversão de 62 cruzeiros por dólar, extremamente aproximada daquela que em nosso quadro corresponde ao ano de 1957 (Cr\$ 63,20 por dólar). A aproximação seria ainda algo maior se adotássemos para o Brasil o índice geral dos preços por atacado elaborado pelo "Conjuntura Econômica", caso em que corresponderia ao ano de

1957 a taxa paritária de Cr\$ 61,50 por dólar. E' de supor que, tendo sido realizado em meados de 1958, o referido estudo adotou a taxa encontrada para o ano anterior e que resulta, segundo afirmam seus autores, da comparação entre a desvalorização real interna do poder de compra do cruzeiro com a desvalorização do poder aquisitivo interno do dólar. Não possuímos dados suficientes para prosseguir a estimativa até o momento presente. Mas, abstraindo da inflação norte-americana - que não deixa todavia de evoluir - e supondo uma desvalorização interna do cruzeiro de 20% para os primeiros cinco meses de 1959, poderemos admitir agora uma taxa paritária estimada em Cr\$ 83,60 por dólar.

A QUE SE REDUZ O CHAMADO CONFISCO CAMBIAL

A partir daí é possível suprimir algumas aparências e penetrar mais profundamente na realidade da esfera cambial brasileira. Em primeiro lugar, quanto às dimensões verdadeiras do chamado "confisco cambial", que pode ser definido como a diferença entre o que recebem os exportadores e o que valem os produtos ex-

portados a uma taxa paritária real do cruzeiro. O "Correio da Manhã", baseando-se nas taxas do Quadro I, conclui que, para o setor agropecuário, o referido confisco totalizou, no período de 1945-1958, a soma de 581.460 milhões de cruzeiros. Salta à vista o absurdo, uma vez que confisco de tamanhas dimensões, se fosse efetivo, teria sido suficiente

para arrasar o setor exportador agropecuário por muito tempo. Entretanto, isto esteve longe de se dar.

Se substituirmos as taxas do Quadro I pelas do Quadro II, utilizando os demais elementos de cálculo de que se valeu o "Correio da Manhã", chegaremos a um total que julgamos muito mais perto das dimensões, não aparentes, mas efetivas do confisco cambial, no que se refere à exportação agropecuária ou seja, à soma de 144.997 milhões de cruzeiros, naquele mesmo período de 14 anos.

Dirão que, ainda assim, se trata de soma elevada. E' preciso, porém, levar em conta as vantagens compensatórias que a agricultura de exportação tem recebido com prodigalidade: financiamentos do Banco do Brasil, reversão de parte da poupança dos ágios, etc. O fato é que o sistema de câmbio não impediu se transmitisse à cafeicultura o estímulo da alta dos preços no mercado internacional, estímulo que se traduziu no aumento do número de pés de café em produção de 2.130 milhões no ano agrícola 1946-47 para 3.350 milhões no ano agrícola 1957-58 (V. Relatório do Banco do Brasil para 1958, pág. 161). Além disso, o confisco atua indiscutivelmente, sobretudo numa conjuntura baixista, como poderoso fator de sustentação dos preços no exterior, o que é diretamente benéfico ao setor de exportação. Com a cotação do café tipo Santos 4 girando agora em torno de 38 centos de dólar por libra-peso em Nova York, os líderes mais clarividentes da lavoura cafeeira, como o deputado Pacheco Chaves, percebem que a abolição do confisco cambial pode determinar a mais desastrosa queda dos preços no mercado internacional, trazendo consequências catastróficas para a própria cafeicultura.

A fim de justificar a abolição do confisco cambial, o "Correio da Manhã", em sua seção "Economia e Finanças", chega a argumentar com a necessidade de elevar o nível de vida dos trabalhadores do campo... O argumento é puramente demagógico, porque, até agora, o que se eleva, com a alta dos preços em cruzeiros do café, do cacau, e demais produtos de exportação, é a renda dos fazendeiros e exportadores, enquanto colonos e assalariados rurais recebem, no melhor dos casos, infimas migalhas.

Não é difícil perceber que, abstraindo de aspectos parciais de sua aplicação, o sistema cambial da época da CEXIM e, em menores proporções, o sistema, que se seguiu à Lei n.º 1.807, foram significativas manifestações de uma correlação de forças em que, no quadro das classes dominantes, a burguesia industrial levou nítida vantagem sobre os latifundiários e os seus aliados naturais, os grandes comerciantes de exportação. Ao contrário do que sucedia no passado, o sistema de câmbio deixou de ser manipulado para incrementar o volume de lucros de fazendeiros e exportadores, em detrimento do conjunto da nação, tornando-se, neste período recente, instrumento, muitas vezes mal manejado, mas de qualquer modo instrumento de uma política estatal de industrialização.

As massas trabalhadoras também influíram para este resultado e dele tiraram vantagens imediatas, impondo, com a sua crescente força política, a prática da importação, a taxas de câmbio de custo, de artigos diretamente essenciais à formação de seu nível de vida, como petróleo e derivados, trigo e outros. Consciente ou inconscientemente, as massas trabalhadoras, ao lutarem

com tanta energia contra a carestia, ergueram um dos mais difíceis obstáculos à consumação da reforma cambial pretendida pelo imperialismo norte-americano e os setores internos a ele associados.

Em suma, o controle estatal do câmbio significou, na superfície, o controle da atuação da lei da oferta e da procura no mercado de divisas e, em consequência, no comércio exterior. Mais profundamente, dentro dos limites estreitos em que isto é possível em regime capitalista, o que se deu foi a aplicação sui generis da lei do valor pelo Estado na esfera do câmbio, numa direção que acelerou o desenvolvimento industrial, sobretudo no que se refere à indústria pesada. Em seu sentido geral, o fato foi proveitoso à economia brasileira, apesar de algumas vantagens parciais que o capital estrangeiro não deixou também de alcançar, máxime depois de 1957.

Como é natural, não se deve supor que os agentes de uma original aplicação da lei do valor tivessem atuado inspirados por considerações teóricas marxistas. Na realidade, foram movidos pela dinâmica objetiva dos interesses de classe. Mas isto já é suficiente para confirmar o marxismo.

DEFINIÇÃO DE PERSPECTIVAS

A semelhança do que já alcançou na Argentina, o imperialismo norte-americano pretende, entre outras coisas, uma reviravolta cambial no Brasil. Na Argentina, a entrega do petróleo aos trustes lanques precedeu a reviravolta cambial. No Brasil, por motivos óbvios, o processo parece ser inverso: a subversão cambial é que deverá abrir caminho à entrega do petróleo...

Servindo-se do Fundo Monetário Internacional como seu instrumento e movimentando em sentido coincidente fazendeiros de café e comerciantes de exportação, o imperialismo norte-americano já conseguiu impor ao governo brasileiro algumas reformas parciais que modificaram o sistema cambial e prepararam o terreno para a sua reforma completa. E' suficiente assinalar que, em apenas um semestre, a taxa do câmbio de custo ou taxa mínima do câmbio favorecido foi elevada em 100%, ou seja, fixada em Cr\$ 100,00 por dólar. Isto terminou de ser consumado em janeiro do ano corrente. A taxa mínima do câmbio favorecido era colocada, desta maneira, acima da estimativa de taxa paritária do cruzeiro em 1958, conforme se pode ver pelo Quadro II, e acima mesmo da taxa paritária aproximada de Cr\$ 83,60 por dólar, que calculamos para o momento presente, ou seja, para junho de 1959. Com a brusca elevação dos custos de artigos essenciais importados, a inflação e a carestia não podiam deixar de tomar extraordinário impulso, ainda mais quando são acionadas também por causas de ordem interna, algumas de natureza estrutural. O fato é que, segundo reconhece a revista "Conjuntura Econômica", em seu número 4 do ano corrente, o índice do custo de vida acusou em fevereiro último o mais elevado aumento mensal já verificado talvez em toda a história da inflação brasileira.

A batalha contra a reforma cambial encerra, para as forças nacionalistas, um significado de primeira grandeza na luta geral pela emancipação do nosso país. Para os trabalhadores, encerra, ademais, o significado de batalha importantíssima contra a inflação e a carestia.

Realizada a reforma cambial projetada pelo FMI o controle do câmbio passaria das mãos do Estado para as do imperialismo norte-americano. Grande parte das divisas fletiria nas mãos das firmas exportadoras norte-americanas, que operam dentro do nosso próprio país, como a Anderson Clayton, a American Coffee, a SANBRA, a Standard Brands e outras. Não teremos, como se supõe, um mercado livre de câmbio, mas um mercado diretamente dominado por essas firmas, em benefício, esta claro dos interesses do capital estrangeiro e em prejuízo da economia nacional. E' esta uma circunstância da máxima gravidade que os paladinos da reforma cambial omitem cuidadosamente.

Em segundo lugar, a reforma cambial não propiciará, como se apregoa, maior abundância de divisas. Ao contrário, favorecerá as manobras baixistas dos monopólios norte-americanos no mercado internacional, determinando quedas de preços para os nossos produtos de exportação principalmente o café e o cacau, cujo comércio mundial é influenciado em escala substancial, pelo contingente exportável da produção brasileira. Embora os fazendeiros e exportadores venham talvez a obter momentaneamente maiores somas em cruzeiros, a receita nacional de divisas tenderá a decrescer mais do que até agora. A economia nacional perderá substância em favor do imperialismo e sofrerá maiores dificuldades em seu processo de desenvolvimento.

A crise cambial, que o país vem atravessando decorre de fatores conjunturais como a superprodução do café, a cri-

se econômica que se verificou nos EE. UU., com reflexos em todo o mundo capitalista. etc. Ao mesmo tempo, porém, a crise cambial está vinculada a causas estruturais. E' que o ritmo da industrialização se acelerou em nosso país, determinando necessidades crescentes de divisas para a aquisição de bens de produção no exterior. Mas, enquanto a estrutura econômica se modifica em alguns dos seus aspectos, o comércio de exportação conserva as mesmas características coloniais do passado. Permanece baseado quase num único produto agrícola - o café - extremamente vulnerável pela competição internacional e pelas prolongadas crises de superprodução. A outra face deste comércio de tipo colonial é a sua submissão a um mercado monopolista - o dos Estados Unidos.

A curto prazo, a primeira medida, de realização imediata possível, é a ampliação dos mercados externos, o rompimento com o monopólio do mercado norte-americano. A esta luz do bom senso, que só não ilumina os "economistas" Jaime Câmara e Danilo Nunes, qualquer pessoa pode compreender o quanto é vantajoso e necessário para o nosso país o estabelecimento de relações com a União Soviética e os demais países socialistas. A esta conclusão já chegaram os economistas (sem aspeto) do Itamarati, que elaboraram o estudo por nós citado em outra parte deste artigo.

Outra medida de caráter imediato que se impõe, é a redução do consumo de divisas pelas transferências do capital estrangeiro. Numa hora como esta, não se concebe a ausência de severo raciocínio de divisas para o capital estrangeiro. A longo prazo, o problema que se apresenta à economia brasileira é o de sua capacitação para exportar produtos industriais em larga escala e não somente café, cacau e pouca coisa mais embora continuando a tirar todo o proveito possível da exportação desses produtos agrícolas. A transformação da composição de nosso comércio de exportação e o elasticamento, por conseguinte, das disponibilidades para importações não se conseguirão num par de anos, porém num período dilatado. Tanto menos dilatado. (Conclui na 8a. página)

ARGUMENTOS EM FAVOR DA REFORMA CAMBIAL

Para fundamentar a necessidade desta reforma vieram a público recentemente argumentos e mesmo cálculos com aparência científica. "O Globo" divulgou o resumo de um relatório do FMI sobre a situação econômico-financeira de nosso país. A revista "Conjuntura Econômica", em seu n.º 5 do ano corrente, teve considerações à base de uma estimativa do mesmo FMI a respeito das taxas paritárias do cruzeiro durante o período 1915-1958. E o "Correio da Manhã", servindo-se da referida estimativa, se deu ao trabalho de "descobrir" (V. edição de 2-VI-1959) a astronômica cifra que teria sido confiscada ao setor agro-pecuário. Com o fundo coral, ouvem-se as vozes e as ameaças de fazendeiros e exportadores de café, que clamam pela extinção do chamado "confisco cambial".

Os paladinos da reforma argumentam que a escassez cambial, de que hoje sofre o país, só pode ser superada com o

estímulo às exportações, a fim de aumentar a produção de divisas. Mas o setor exportador estaria com o seu desenvolvimento inibido em virtude do "confisco cambial" a ele injustamente imposto e que, segundo o "Correio da Manhã", teria totalizado, em 14 anos, a soma de 581,4 bilhões de cruzeiros (sic). Seria urgente, pois, eliminar tal confisco, o que requer a eliminação simultânea de todas as taxas favorecidas para importação, que estariam implicando, segundo o afirmam aqueles paladinos, em "distorções" da economia brasileira. A solução seria a generalização do mercado livre (aliás já tão ampliado pela SUMOC de um ano para cá), o que permitiria chegar, em certo prazo, à ideal taxa única paritária, que se supõe justa e correta, de acordo com os cálculos do FMI.

Vejamos o que este raciocínio possui de falso pelo que encerra e, em seguida, pelo que omite.

OS ECONOMISTAS DO FMI E SUA MALÍCIA

Numa época como a nossa, em que o padrão ouro não existe senão de modo convencional, a taxa ou cotação paritária efetiva de uma moeda só poderá ser revelada na relação comparativa entre o seu poder aquisitivo no país de origem e o poder aquisitivo, também no próprio país de origem, da moeda considerada padrão internacional.

Conforme se vê na "Conjuntura Econômica" citada acima, a "International Financial Statistics", publicação do FMI, visando determinar o que corresponderia a taxas cambiais aproximadamente de equilíbrio, toma por base o ano de 1937, com a taxa de Cr\$ 17,61 por dólar. A partir daí, estabelecendo uma relação comparativa entre os índices dos preços por atacado do Brasil e dos Estados Unidos, descobrem as seguintes taxas paritárias do cruzeiro:

QUADRO I

Table with 3 columns: Índice dos preços por atacado, Taxa de câmbio, and BRASILEIRO. Rows list years from 1937 to 1958.

Teríamos determinado, assim, o verdadeiro grau de desvalorização do cruzeiro em relação à desvalorização do dólar. Na verdade, porém, este cálculo dos economistas do FMI não passa de pseudo-ciência. O seu vício essencial consiste em ter tomado por base o ano de 1937, que faz parte de uma "época", durante a qual o nosso país atravessou grandes dificuldades cambiais. Estas impuseram à moeda brasileira uma desvalorização externa sem relação paritária, por um lado, com a sua desvalorização interna e, por outro lado, com a desvalorização da própria dólar (em 1938, a cotação deste passou oficialmente de \$ 20,67 por onça de ouro fino para \$ 35).

Além disto, segundo se pode ver no Anuário Estatístico do IBGE, edição de 1954, o câmbio médio de 1937 não foi de Cr\$ 17,61 por dólar, mas de Cr\$ 16,05 (no merca-



Manifesto Do PC Paraguai:

Higino Morinigo e Outros Tramam Um Golpe De Estado

Em manifesto publicado recentemente, o Partido Comunista do Paraguai trata da crise que abala atualmente a tirania de Stroessner, as causas que a motivaram e a influencia imperialista no pais.

A ditadura de Stroessner — diz o manifesto — estremece sob a crescente pressao popular. A divisao no interior do regime ditatorial a meca a provocar um choque armado. Quanto mais o povo passa a luta unitaria, mais se descompoe a ditadura.

Os homens do petroleo norte-americano temem que as forcas antiditatoriais se unam e lancem por terra o regime ditatorial, que lhes proporecionou grandes concessoes no Chaco. Por este motivo, o governo «democratico» dos Estados Unidos manda um interventor com ordem para Stroessner e Insfran (O Ministro do Interior — Nota da Redacao) de que organizem uma farsa eleitoral com os Partidos Liberal e Febrerista, permitindo-lhes uma atividade restrita e controlada policialmente. Com esse mentiroso plano de «pacificacao», a intervencao americana cre poder enganar e paralisar nosso povo. Cre poder impedir que o povo paraguaio se una. Com este fim tenta excluir e afastar as forcas patrioticas mais combativas, sobretudo o Partido Comunista, vanguarda da classe operaria, defensor dos camponeses e dos interesses nacionais. A politica de «pacificacao» de Stroessner e Insfran consiste em combinar promessas falsas com o terror e as torturas. Por meio desta politica, os imperialistas norte-americanos pretendem impedir que o povo paraguaio siga o exemplo do povo cubano. Mas fracassaram em Cuba.

O que está em crise

Acrescenta o manifesto do PC do Paraguai: «O que está em crise não é somente o governo. É a politica economica desastrosa e antinacional do regime ditatorial. Mais ainda, é toda a velha organizacao economica do pais.

A nação reclama um aumento rápido da producao. Mas isto será impossivel enquanto o pais continuar sendo pilhado pelo imperialismo, especialmente pelo norte-americano, enquanto a

terra estiver monopolizada por algumas companhias e familias de milionarios. O regime ditatorial é o braço armado desses interesses antinacionais e retrógrados».

A intervencao yanque

«Em sua declaracao a «La Nacion» de Buenos Aires de 8 de março, o embaixador norte-americano W. Ploesser afirmou que Stroessner e seu governo estão fazendo uma boa obra de estabilizacao da economia paraguaia e que a embaixada norte-americana «supervisiona» esta politica de «estabilizacao» em todos os seus aspectos. Num momento em que quase toda a nação luta para liquidar com o regime antinacional de Stroessner, Insfran e Storm, a embaixada dos Estados Unidos declara abertamente que continuará apoiando materialmente e intervindo na politica do Estado nacional. Esta é uma declaracao de guerra do imperialismo norte-americano à nação paraguaia!»

«A politica de «estabilizacao», acrescenta o manifesto, «é uma politica antinacional. Consiste em desvalorizar a moeda paraguaia para facilitar a venda do pais aos monopolios norte-americanos; deixar que suba o custo da vida; manter baixos os preços dos produtos pagos aos camponeses; rebaixar o salario real; despedir operarios e intensificar o trabalho; aumentar os impostos; restringir os créditos; impedir que o Paraguai procure novos mercados nos paises socialistas, a fim de obter melhores preços por suas colheitas e produtos. Esta é uma politica para empobrecer ainda mais o povo e para enriquecer os norte-americanos e os grandes estancieiros e especuladores. É uma politica que sufoca as forcas produtivas de nosso pais».

A solucao da crise

Adiante, depois de apontar os exemplos da Venezuela e Cuba, onde foram derrubadas ditaduras odiadas pelos povos desses paises, diz o Manifesto do PC paraguaio:

«Dois são os caminhos que hoje se propoem para solucionar a crise politica: o caminho da consolidacao do regime ditatorial oferecendo algumas pequenas concessões

aos Partidos Liberal e Febrerista, e o caminho da destruicao do regime ditatorial, estabelecendo-se um novo regime, que assegure garantias e liberdade completa a todos os partidos e organizacoes operarias e populares.

Os que trabalham — queiram-no ou não — por consolidar a ditadura se dividem em dois bandos principais: os que tentam consolidar por meio de uma politica de conciliacao (compouenda) com a ditadura, evitando um golpe de Estado; os que conspiram para dar um golpe de Estado que mude alguns homens no governo mas deixe em pé o aparelho repressivo da ditadura e sua politica de perseguicao contra o movimento democratico e as lutas populares».

Depois de afirmar que o «caminho da conciliacao com a ditadura é o que trata de impôr a embaixada norte-americana», o manifesto acrescenta:

«Estes fatos confirmam que, para tornar possiveis as eleicoes livres, é condicao indispensavel a renuncia de Stroessner e Insfran e que se forme um governo provisório de democratizacao que dê liberdades completas a todos os partidos, sem excecao e sem postergacao para «etapas posteriores».

«Não há outro caminho para formar o governo senão mobilizar a todo o povo, organizar lutas unitarias cada vez maiores e mais decididas, e criar uma ampla frente de libertacao nacional».

A trama do Golpe de Estado

O documento do PC paraguaio, passa a ana-



Morinigo



Stroessner

lisar a possibilidade de um golpe de Estado, dizendo:

«Por um lado, os bandidos fascistas Higino Morinigo, N. Gonzalez, V. Morinigo e Enrique Jimenez, aliados a certos dirigentes conservadores do Partido Colorado, preparam um golpe reacionario para aproveitar o descontentamento dos operarios e camponeses colorados e para impedir que estes lutem unidos aos operarios e camponeses opositores.

Por outro lado, alguns elementos conservadores da oposicao agitam certos militares antidemocraticos para que formem uma junta militar. Isto não seria mais que uma mudanca de guarda.

O Partido Comunista não é partidario da violencia, mas, se a ditadura provocar uma situacao de luta armada, o povo não deve ficar inativo. Tampouco deve aceitar a direcao politica dos golpistas reacionarios pró-yanques. Em tal caso, os operarios e camponeses colorados devem agir de comum acordo com os democraticos da oposicao, e todos juntos devemos formar comités e grupos de açao unida direta, arrebatando as armas aos defensores da ditadura, exigir dos golpistas a entrega das armas e lutar independentemente, por todos os meios e de todas as formas, até derrotar e esmagar o inimigo principal, o governo de Stroessner».

O PC paraguaio termina seu manifesto com um caloroso apelo à unidade, à aliança de todas as forcas opostas à tirania de Stroessner para restabelecer no pais o regime democratico, através da formacao de um governo provisório que dê garantias imediatas e completas a todos os partidos e que terá, então, o inteiro apoio popular.

O DIALOGO ENTRE COMUNISTAS E CATÓLICOS

Alfredo Reichlin

(Traduzido de «L'Unita», órgão do Partido Comunista Italiano)

É um sinal dos tempos, que o «Osservatore Romano», o «Popolo», o «Quotidiano», a «Discussione», além da vasta rede dos jornais paraguaios, tenham sentido a necessidade de responder ao número especial que o semanário dos jovens comunistas, «Nuova generazione», dedicou recentemente às relações entre comunistas e católicos. Digo que é um sinal dos tempos também porque a polémica se dirige, não apenas a um breve apelo do camarada Togliatti, mas também contra um artigo (por nós assinado) que no fundo retrata teses na base das quais nosso partido trabalha de há muito, desde os tempos de Gramsci.

Mas, compreendamos. Uma coisa é afirmar, em um momento qualquer, que a palavra de ordem do diálogo entre comunistas e católicos se baseia na análise das forças motrizes da revolução italiana feita por Gramsci, isto é, sobre o reconhecimento de que a questão vaticana é, no nosso país, também um aspecto peculiar da questão camponesa; e outra é repetir essa afirmação num momento como o atual: quando, por exemplo, todo um conjunto de interesses (a pequena propriedade), de ideais («todos proprietários»), de tradições históricas e familiares que concorrem para a formação do mundo católico-camponês é atacado e despedaçado pela ação desapiadada do grande capital monopolista.

Até ontem a Igreja, as entidades corporativas, ainda podiam desenvolver, realmente, uma eficaz mediação entre esses dois pólos, entre o mundo católico-camponês e o grande capital. Mas, como podem conseguir hoje, quando a crise agrária chegou a um ponto extremo, e quando perigoso demais se apresenta o caminho do fascismo, isto é, a tentativa de remediar as contradições com o sacrifício do movimento operário e dos seus tradicionais aliados de classe no campo? São perguntas sérias, inquietantes para os nossos manseñores. E ainda: no momento em que os jovens católicos se rebelam contra o governo Segni e vão à rua ao lado dos jovens e dos operários comunistas contra a policia e o monopólio Fiat, que eficácia real pode ter ainda a mediação «fanfaniana», isto é, a ilusão de que o neocapitalismo das grandes monopolios possa favorecer a advento de uma «sociedade

crista», tornando impotente a classe operária e atenuando os contrastes sociais?

Com isso não se quer negar que persistam graves ilusões entre a juventude católica e subestimar os danos daí decorrentes; mas é certo que a dúvida existe e abre caminho. Por isso compreendemos muito bem que hoje cause tanta impressão a certos clericais lerem em um jornal comunista que, sendo a vitória do socialismo na Itália ligada à formação de um bloco de forças bastante mais amplo e articulado do que a clássica aliança operário-camponesa, o diálogo com os católicos seja concebido como um momento essencial do caminho italiano para o socialismo, como uma longa perspectiva de lutas unitárias e de aliança, não apenas com as massas populares católicas, mas também com suas forças organizadas (transformadas, diferentes de agora, livres da submissão ao bloco clerical-patronal, mas não obstante sempre organizações políticas e sociais católicas). Está aí — repetimos — a garantia que nós comunistas oferecemos aos católicos: não a camuflagem absurda e ridícula do caráter materialista do marxismo, do qual não cessamos de proclamar a superioridade histórica e ideológica, mas na convicção profunda de que sem as massas católicas na Itália não se pode construir o socialismo e de que a construção do socialismo não pode ser adiada para o dia eventual em que a fé cristã tivesse perdido a sugestão que exerce no coração dos homens. Esta garantia está evidente no nosso esforço de construir um «caminho italiano para o socialismo», isto é, uma estratégia revolucionária que prevê a colaboração de forças políticas e correntes ideológicas diversas e que não exclui a pluralidade dos partidos nem mesmo depois da tomada do poder.

É diabólico, é «instrumental» tudo isso? Assim dizem alguns dirigentes clericais; mas são exatamente aqueles que em todos estes anos se esforçaram, no plano interno como no internacional, para fazer do mundo católico a base de massas do sistema capitalista e o seu instrumento, até o ponto de confundirem a fé com a chantagem atômica. Isto sim é instrumentalismo. Mas, quantos estão ainda dispostos a tolerar tal coisa?

Que Tipo De Revolução é Esta?

(Sob o título acima, o secretário-geral do Partido Socialista Popular, Blas Roca, publicou no jornal «Hoy», de 11 de abril último, um artigo do qual extraímos os principais trechos, que reproduzimos a seguir)

«Para definir o caráter de uma revolução o que se deve estudar, em primeiro lugar, fundamentalmente, é o conteúdo econômico-político-social de suas tarefas básicas, que são:

- 1) Independência completa e soberania da nação.
2) Reforma agrária que liquide com o latifundismo e outros restos feudais e entregue a terra aos camponeses.
3) Desenvolvimento econômico sobre base independente, sustentável e garantia da independência política (recuperação das riquezas nacionais, controle nacional sobre a economia, novas relações com mercados externos, eliminação da monocultura, diversificação da produção etc.).
4) Ampliação e aprofundamento da democracia, dando-lhe um conteúdo real (direitos democráticos para o povo e os trabalhadores, eliminação da discriminação racial, se-

leção cultural, eliminação da corrupção e da fraude nas eleições, etc.). Estas tarefas básicas, impostas pelas necessidades históricas do desenvolvimento de nosso país e não segundo as elaborações de algum filósofo nem segundo as limitações de qualquer partido, movimento ou grupo social, são as determinantes do caráter que necessariamente tem a revolução cubana em sua etapa atual.

A revolução atualmente está resolvendo os problemas de resolver estas tarefas.

Por isso, a pergunta — que classe de revolução é esta, podemos responder que é uma revolução nacional-democrática, nacional-libertadora e agrária.

Não é, na presente etapa, uma revolução socialista. Suas tarefas se mantêm dentro dos marcos burgueses da sociedade. Não tenta nem pretende destruir o regime capitalista

como tal, mas eliminar a dominação e a exploração imperialista estrangeira e destruir o latifundismo semifeudal, para promover e acelerar o desenvolvimento econômico próprio e melhorar radicalmente as condições de vida e de trabalho das massas exploradas.

Se levarmos em conta não somente o conteúdo econômico-político-social de suas tarefas básicas, mas sim as forças motrizes desta revolução, as classes e forças sociais que a determinam, realizam e impulsionam, e o ritmo e a profundidade de seu desenvolvimento, eu diria que é uma revolução popular avançada.

Digo popular, porque esta é uma revolução das classes populares, dos trabalhadores, das camadas médias, pequeno-burguesas e burguesas. As massas do Exército Rebelde estão formadas principalmente de camponeses e operários agrícolas. Seus comandos provêm também dessas camadas, da pequena burguesia e dos próprios trabalhadores. Os operários das cidades, que

Blas Roca

Blas Roca, secretário-geral do Partido Socialista Popular, defende a revolução cubana como uma revolução popular avançada, nacional-democrática, nacional-libertadora e agrária.

Blas Roca, secretário-geral do Partido Socialista Popular, defende a revolução cubana como uma revolução popular avançada, nacional-democrática, nacional-libertadora e agrária.



Blas Roca

Povo apóia o Governo na ...

(Conclusão da 1ª página) perto o Brasil para novos caminhos, apropriar-se de seu destino, confirmando o princípio da autodeterminação dos povos. E o governo de V. Excia., com atitudes dessa natureza, passará definitivamente às páginas de nossa história».

CERRAR FILEIRAS

Não satisfeitos em endossar o manifesto para a Semana Nacional de Resistência, os líderes sindicais do Rio de Janeiro também enviaram ao Presidente da República uma mensagem especial de apoio: «Diante da gravidade do problema — disseram eles — os trabalhadores, coerentes com pronunciamentos anteriores, estão dispostos a cerrar fileiras em defesa da posição as-

sumida pelo governo de V. Excia.»

Também a Câmara dos Vereadores do Distrito Federal, apesar da sabotagem desesperada da vereadora Dulce Magalhães, aprovou quase unânimemente um voto de louvor proposto pelo vereador Paulo Azeal, exprimindo solidariedade ao Presidente Kubišček, por sua posição firme e corajosa, rompendo as negociações com o FMI, ao mesmo tempo que encarece a urgente necessidade de uma política externa independente, que permita ao Brasil manter relações com todos os países do mundo.

Propósitos semelhantes, e idénticas aspirações, o Presidente da República recebeu de todos os quadrantes da Nação. O país se colocou ao seu lado, quando ele se dispôs a defender a soberania nacional.



# A BURGUESIA NA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

## III

### 5 A posição antiimperialista dos diversos setores da burguesia interessada no desenvolvimento independente

A burguesia interessa no desenvolvimento independente da economia nacional abrange diversos setores, que se distinguem por diferentes posições no terreno econômico e social e, fundamentalmente, por sua atitude em face do imperialismo. Estes setores não são igualmente conseqüentes na sua oposição ao capital monopolista estrangeiro.

Um setor pouco numeroso, em geral constituído por grandes capitalistas, embora esteja ligado basicamente ao mercado interno e administre capitais legitimamente nacionais, possui algumas ligações com os monopólios estrangeiros. Neste caso se encontram algumas firmas industriais, que se consolidaram como empreendimentos brasileiros, mas concluem acordos com trustes estrangeiros para a obtenção de patentes, equipamentos e recursos tecnológicos. Até mesmo grupos nacionais poderosos, como Matarazzo, são levados neste terreno a um certo grau de dependência em relação ao capital estrangeiro.

Se bem que tenha seus interesses básicos voltados para a industrialização independente do país, este setor não pode muitas vezes colocar-se em oposição frontal ao imperialismo. Inclina-se mais freqüentemente para uma política dúbia, oscilando entre atitudes nacionalistas e concessões aos monopólios. Em geral, tais grupos não se opõem por princípio ao capital imperialista. Admitem a participação desse capital na economia brasileira, propondo tão somente limitar a sua ação, restringir sua aplicação a setores onde não prejudiquem diretamente os interesses criados da burguesia nativa.

E conhecida, por exemplo, a posição ambígua do sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, que se opôs firmemente à entrada da American Can, que constituiu ameaça à indústria nacional de lataria, mas mantém atitude cautelosa em face do imperialismo, visto que está preso por contrato de patentes à Continental Can, dos Estados Unidos.

Esta parte da burguesia não é hostil ao movimento racionalista, porém, via de regra, não se integra ativamente na luta pela emancipação nacional, a não ser em casos excepcionais. Mantém geralmente uma posição de expectativa. Em alguns casos, tais setores capitalistas se associam aos grupos mais retrógrados e entreguistas na defesa de certas posições. Utilizam do embargo ou intervenção estatal na defesa de seus interesses privados, fazem coto com os agrupamentos reacionários nos ataques ao "estatismo", em defesa da "livre iniciativa". Daí a sua oposição à emancipação das empresas imperialistas, em nome do princípio da propriedade privada.

Tais setores burgueses ferrem muitos dos líderes das Federações de Industriais e influenciam fortemente em suas decisões. Em conseqüência, essas organizações assumem posições por vezes vacilantes: ora se orientam para a defesa de seus nacionalistas, cedendo à pressão dos elementos mais combativos e radicais da burguesia, ora caem na política de compromissos, inspirada pelos setores conciliadores.

Outra parte da burguesia tem uma posição mais radical em face do imperialismo. Compreende na maioria pequenos e mé-

dios industriais e comerciantes, cujos negócios estão inteiramente vinculados ao mercado interno e a capitais nacionais, não possuindo qualquer enlace com os monopólios imperialistas. Estes setores capitalistas são obrigados a travar uma luta constante para desenvolver ou simplesmente fazer sobreviver seus negócios, enfrentando os obstáculos opostos pela dependência ao imperialismo e pela estrutura econômica atrasada. Ainda que os

setores, não participem ativamente, em seu conjunto, do movimento nacionalista, estão predispostos a apoiar a luta contra o capital monopolista estrangeiro e, em muitos casos, associam-se às campanhas antiimperialistas.

A maior parte da burguesia ocupa posição intermediária e vacilante entre estas duas alas extremas. Nos períodos de ascensão do movimento antiimperialista, segue os elementos mais radicais. Quando a pressão imperialista se faz sentir com maior intensidade, inclina-se para o lado dos setores partidários do compromisso.

latifundiários por meio da conciliação, preconizando a conservação da propriedade latifundiária e sua transformação gradual mediante a introdução de máquinas, fertilizantes e processos agrícolas modernos, isto é, a penetração do capital na agricultura sem a eliminação radical dos restos feudais; outra parte é partidária da reforma agrária, isto é, da mudança das relações de propriedade e da abolição do latifúndio, mediante a desapropriação das terras e sua distribuição entre os lavradores sem terra.

Em relação às liberdades democráticas, a burguesia também apresenta uma atitude dúbia. É partidária do sistema democrático e das liberdades públicas na medida em que esses instrumentos lhe permitem apoiar-se nas massas populares para defender os interesses do capitalismo nacional, seja em face do imperialismo, seja em face das forças retrógradas internas.

De outro lado, porém, a burguesia deseja estabelecer sua ditadura de classe. Seu democratismo é limitado, porque ela teme a ação independente das massas, receia o fortalecimento do movimento operário e se esforça por manter o movimento de massas dentro dos marcos convenientes aos seus interesses.

### 6 A posição da burguesia diante das transformações democráticas

A natureza contraditória da burguesia se expressa não só na sua atitude em face do imperialismo como na maneira por que encara as transformações de caráter democrático postas na ordem do dia pela revolução brasileira em sua presente etapa.

Na que se refere ao problema agrário, a posição vacilante da burguesia é evidente. De um lado, ela sente na existência do latifúndio e dos restos feudais um obstáculo ao desenvolvimento capitalista, um fator limitante do crescimento do mercado interno para a produção industrial, bem como um impedimento à aplicação de capitais na agricultura. Daí a posição de numerosos setores da burguesia a favor da reforma agrária. Entre 1946 e 1958 foram apresentados ao Congresso Nacional dezenas de projetos de leis agrárias, entre estes nada menos de 20 projetos de reforma agrária. Estas iniciativas se verificam, não por acaso, num período de grande desenvolvimento capitalista e de fortalecimento da bur-

guesia. De outro lado, porém, vários setores burgueses tomam atitude dúbia ou se omitem em face da questão agrária, quando não se opõem diretamente a essa transformação democrática.

Os setores mais conciliadores da burguesia não aceitam medidas radicais, como a desapropriação das terras dos latifundiários, por interesse social, e sua distribuição entre os camponeses sem terra. Consideram tal medida uma ameaça não só à propriedade dos latifundiários, mas à propriedade privada em geral. Além disso, não aceitam a partilha das terras dos latifundiários porque desejam uma solução do problema agrário que leve à agricultura capitalista intensiva, de base tecnológica, e temem que a divisão das propriedades os prive da possibilidade de aplicar lucrativamente capitais na exploração agrícola.

Assim, em relação ao problema agrário também se produz uma diferenciação na burguesia: uma parte procura resolver a contradição com os

## Reforma cambial e falsa ciência

(Conclusão da 6ª página)

quanto mais firmemente for enraizado no desenvolvimento da economia nacional, um certo imperialismo e progressista, quanto mais conseqüentes forem as transformações operadas na estrutura econômica e na vida política do país. Dentro desta perspectiva, a política de monopólio estatal do comércio, para favorecer os interesses nacionais, assume um caráter de imperialismo, pelo menos, comercial, mas permanente de longo prazo.



## Ditadura do Proletariado e Democracia Popular

Resposta ao leitor João Gomes — (Distrito Federal)

Pergunta o leitor: que diferença existe entre a ditadura do proletariado e uma democracia popular?

Em sua obra *O Estado e a Revolução*, Lenin explica que a transição do capitalismo ao comunismo não pode, naturalmente, deixar de oferecer uma enorme variedade e riqueza de formas políticas, mas a essência de todas elas será, necessariamente, uma só: a ditadura do proletariado. Entende-se por ditadura do proletariado a direção da sociedade pela classe operária, uma vez derrubado o poder dos latifundiários e capitalistas, e instaurada uma nova ordem social — o socialismo.

A democracia popular é uma forma de ditadura do proletariado, surgida historicamente em numerosos países da Europa e da Ásia após a derrota do fascismo na segunda guerra mundial. O seu surgimento e a possibilidade de seu triunfo e consolidação decorrem das novas condições existentes no mundo, particularmente o impetuoso ascenso das forças operárias e democráticas e o poderio e prestígio da União Soviética.

Embora por seu conteúdo a democracia popular não se distinga de outras formas de ditadura do proletariado — particularmente o poder soviético —, do ponto-de-vista da forma ela apresenta uma série de características próprias. No plano econômico, ao contrário do que acontece sob o poder soviético, a democracia popular admite a existência, em certa medida, da propriedade privada, embora a direção da economia caiba, incontestavelmente, ao setor socialista. No terreno político, a democracia popular tem como uma de suas características o sistema pluripartidário. O partido marxista da classe operária, constituindo a força dirigente da sociedade, atua ao lado de outros partidos, representantes de diferentes camadas e classes sociais, também interessadas na independência nacional de seus países, no progresso social, na construção do socialismo. A existência de vários partidos políticos, sempre que existe a hegemonia da classe operária e de seu partido marxista, não está em contradição nem com a teoria nem com a prática da ditadura do proletariado. Ao contrário, o sistema pluripartidário no regime de democracia popular corresponde à aplicação criadora e ao desenvolvimento da teoria leninista da transição da revolução democrático-burguesa à revolução socialista.

Não há, portanto, como sugere a pergunta do sr. João Gomes, uma diferença entre ditadura do proletariado e democracia popular. A democracia popular, como vimos, é uma forma da ditadura do proletariado, surgido em determinadas condições históricas. Não é impossível, inclusive, que novas variedades de ditadura do proletariado venham a surgir no futuro, com características diferentes das até agora conhecidas, embora a sua essência, no fundo, seja sempre a mesma: a direção da sociedade pela classe operária no período de transição do capitalismo para o socialismo.

## HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

(XVII)

De 1850 a 1870 o movimento operário na França entra de novo num período de ascensão que reflete a aceleração da expansão do regime de produção capitalista no país. Do ponto-de-vista do desenvolvimento econômico, a França ocupava então o segundo lugar no mundo, em seguida à Inglaterra. Em 1860, a indústria de tecidos e trapezaria francesa contava já com 6 milhões de luas, um quinto de que no ano anterior na Inglaterra. O valor do comércio exterior na França equivalia mais ou menos a metade do inglês.

O desenvolvimento do capitalismo na França apresenta duas características particulares importantes: a primeira é que o país tornou-se, durante alguns anos, até a primeira guerra imperialista mundial, de 1914-18, um cenário industrial e não industrial-agrário. Em 1871, por exemplo, 66% da população da Inglaterra eram urbanos, na França 61% eram rurais. É necessário assinalar, além disso, que não dominava absolutamente, como a pequena economia camponesa. Embora boa parte das terras pertencesse a grandes proprietários e a

em vez de explorá-las diretamente através do trabalho assalariado, preferiam arrendá-las em base capitalista a pequenos proprietários. O restante da massa camponesa era constituída de pequenos e muito pequenos proprietários. A principal figura da aldeia francesa era, portanto, o pequeno-burguês rural, o arrendatário, ou o camponês proprietário.

O permanente processo de ruína que acompanhava como uma sombra a pequena produção no capitalismo tornou em fim de contas, em tais países, o camponês arrendatário ou pequeno proprietário nas fileiras do proletariado em crescimento na cidade e no campo e milhares de camponeses falidos. Dessa natureza a indústria pequena-burguesa, dividida quase por sua natureza em pequenos produtores, não se desenvolveu naturalmente por dentro, penetrando abundantemente na classe operária.

Outro aspecto característico do desenvolvimento francês era a multiplicação das pequenas e médias empresas, em especial as de têxtil, de metal e de artefatos de precisão. A indústria têxtil e metal, assim como as indústrias

## O OPORTUNISMO ANARQUISTA NO MOVIMENTO OPERÁRIO FRANCÊS

pelo mar das pequenas oficinas de toda natureza. Ainda no fim do século XIX a média de operários por empresa na França era de 6 a 7. Se se considerarmos que milhares de fábricas tinham dois e três operários e que várias dentre as grandes empresas tinham milhares, podemos ter uma ideia da quantidade enorme de pequenas empresas existentes. Nestas, como se sabe, não se deu muita importância à diferença entre o patrão e o empregado e por isso mesmo se estabeleceu facilmente a ilusão de que, com a economia de ali-gunha coisa, acabava, por sua vez, convertendo-se em proprietário. Nessas condições, tanto possui idealismo pequeno-burguês a pobre al-gunha coisa, quanto o seu dono, semelhante operário. Mas, também ali a luta em massa e um fato é a luta em massa, em Paris, em 1871, um milhão de homens e mulheres pararam a produção de tecidos, trapezaria e outros produtos têxteis e de trabalho

e suas coisas pequenas-burguesas, artigos, indústrias locais.

Os dois aspectos referidos do desenvolvimento francês na França deram, no fim de contas, um grande impulso ao anarquismo, a chamada "anarquia" ou "anarquismo", que se tornou, no período de transição da revolução democrática, a principal força política da burguesia francesa. Em 1840 produziu um folheto que se tornou famoso.

— Que é a propriedade? — Um roubo! — A sociedade que ao colocar a um indivíduo, sobretudo a um anarquista, a propriedade privada, a propriedade pública, a propriedade privada. Para ele a sociedade de todos os males sempre estava postamente na existência exclusiva e na manutenção da mesma propriedade. Para ele a sociedade de todos os males sempre estava postamente na existência exclusiva e na manutenção da mesma propriedade. Para ele a sociedade de todos os males sempre estava postamente na existência exclusiva e na manutenção da mesma propriedade.

O "Manifesto" anarquista da época, publicado em 1840, de quem se sabe

nestas notas históricas: *AVO* (Cap. XI, em *NOVOS RUMOS*, n.º 11). Filho dum camponês pobre, que trabalhava com a mulher numa pequena propriedade, Proudhon na juventude trabalhou como revisor numa pequena tipografia e, mais tarde, abriu de próprio punho uma oficina tipográfica de sua propriedade. Em 1840 produziu um folheto que se tornou famoso.

— Que é a propriedade? — Um roubo! — A sociedade que ao colocar a um indivíduo, sobretudo a um anarquista, a propriedade privada, a propriedade pública, a propriedade privada. Para ele a sociedade de todos os males sempre estava postamente na existência exclusiva e na manutenção da mesma propriedade. Para ele a sociedade de todos os males sempre estava postamente na existência exclusiva e na manutenção da mesma propriedade. Para ele a sociedade de todos os males sempre estava postamente na existência exclusiva e na manutenção da mesma propriedade.

propriedade capitalista. Certo, para o fato de que a pequena propriedade, no capitalismo, é contínua e inevitavelmente devorada pela grande. Proudhon pensava que esta podia ser aniquilada por aquela. Nesse sentido, propunha a criação dum "Banco do Povo" que, dando "crédito e apoio", permitiria aos operários comprar em meios de produção e tornarem-se artesãos. Os produtos individuais, por sua vez, seriam produzidos num "Banco de Troca", que asseguraria o equilíbrio "equitativo" da produção de cada trabalhador, eliminando ao mesmo tempo esse "banco" que é o comércio. Proudhon, e claro, era adversário da luta de classes e da organização do proletariado, da greve, da luta pela legalização fabril, negava, em suma, a necessidade da luta política-revolucionária dos operários. Era contra toda forma de Estado, inclusive contra a ditadura do proletariado.

O anarquismo proudhoniano foi, em certa medida, a causa da abstenção temporária do movimento operário francês, as condições sociais e econômicas da época de Bonaparte III, ponto ao qual, aliás, Proudhon andou hesitando-se, na esperança de ser ajudado em seus planos utópicos e reacionários. Marx e Engels travaram uma luta firme e organizada contra o proudhonismo, que se expandiu amplamente como corrente oportunista no movimento operário francês, ao tempo em que, como já vimos, o tradeunionismo se apoderava do movimento operário inglês. Já no fim do decênio de 60 o anarquismo começava a entrar em declínio na França. A classe operária francesa foi a várias greves, destacando-se a greve geral dos têxteis de Paris, em 1862. Em 1864 foi reconquistado o direito à organização sindical, com a queda da lei de Le Chapelier. Nesse mesmo ano saiu o "Manifesto dos 66" assinado por 60 operários, onde se declarava que o proletariado não precisava de guardiães. Embora refletindo ainda forte influência proudhonista, o manifesto exigia eleições democráticas na França, mostrava a necessidade de elegerem-se candidatos sindicais e conchabava a formação de um movimento operário independente, que participasse da vida política.



# TOBIAS BARRETO - Ilustre Pensador Brasileiro

ZHAKOB BAZARIAN

Auxiliar científico do Instituto Filosofia da Academia de Ciências da URSS, candidato ao doutorado em ciências filosóficas

Neste mês de junho, completará-se 120 anos do nascimento e 70 do falecimento de Tobias Barreto, insigne filósofo e eminente pensador latino-americano do século XIX. Distinguiu-se este homem singular por uma atividade multifacetada. Notabilizou-se como poeta, jurista, político, crítico e filósofo. E não era um contemplativo. Tobias Barreto foi um batelador pelas idéias progressistas, um democrata e um materialista combatente. «Minha natureza é a luta», costumava dizer com orgulho. Começou como poeta. Já nos anos de 80 escreveu versos, conclamando a juventude a atuar, na companhia pela emancipação dos escravos. Com outro poeta de talento, Castro Alves, criou naquela época a escola Condoreira, que cultivava a poesia a idéia da luta contra a escravidão, luta que o futuro filósofo não cessará até ao fim dos seus dias.

Foi o fundador da famosa Escola do Recife, corrente filosófica de matriz materialista, que faz no Brasil numerosos prosélitos entre eminentes homens de ciência, médicos, juristas e escritores — Silvío Romero, Domingos Guedes Cabral, Tito Livio de Castro, Fausto Cardoso, Estelita Topajós, Graça Aranha, entre muitos outros, que deixaram um profundo sulco na cultura brasileira. Tinha razão Graça Aranha ao considerar Tobias Barreto «a figura brasileira mais preclara», que «inaugura uma nova época no desenvolvimento

intelectual do Brasil». Desde 1870 Tobias Barreto se consagra à filosofia. Expõe suas opiniões filosóficas em «Ensaio e Investigações sobre a Filosofia e a Crítica» (1875), «Investigações alemãs» (1883), «Questões atuais da Filosofia e do Direito» (1888) e outras obras. Combate com bravura todo agnosticismo, ceticismo e minimização do papel da ciência: «A verdadeira ciência — escrevia — é precisamente este movimento contínuo para o desconhecido». Tem fé no progresso limitado da razão humana, da sociedade e da ciência: «Creio no movimento ascensional, no desenvolvimento permanente do homem». Fustiga o agnosticismo dos positivistas, que nega a possibilidade do conhecimento das causas dos fenômenos e da essência das coisas.

Tobias Barreto declarava-se francamente materialista, manifestando sem circunlóquios: «Não faço segredo de meu credo filosófico: sou materialista». Foi o primeiro a manifestar no Brasil a idéia de que a verdade eterna, imutável, não existe. No mundo todas as coisas formam uma unidade, mudam e evoluem. Tudo o que vemos na natureza — o indivíduo e a sociedade — explica — é o produto natural do desenvolvimento da matéria.

Ainda que muitas de suas afirmações fossem justas, o materialismo de Tobias Barreto ressentia-se de algumas deficiências. Desconhecedor do

materialismo dialético, supunha erroneamente que se poderia superar o materialismo mecânico conjugando a explicação mecânica com a explicação teleológica, as causas operantes com as causas finais. Dito com outras palavras: presencava um determinismo, com teleologia, um movimento com sentimento. Todavia não se pode deixar deste desvio da interpretação determinista dos fenômenos naturais que o monismo de Tobias Barreto continha um caráter agnóstico, espiritualista ou neutral como afirmam os investigadores de sua obra.

Tobias Barreto foi o precursor no Brasil não somente do pensamento materialista como também do pensamento dialético. A propósito da lei geral do desenvolvimento, escrevia: «Tudo quanto pode ser objeto da ciência — o homem, a natureza e o Universo em geral — não é um estado eterno, mas um fenômeno permanente, de quando em quando interrompido entre um estado e outro». Repelia o conceito retilíneo do desenvolvimento como mutação unicamente evolutiva, sem saltos, considerando em si todas as antiteses». A filosofia de Hegel, assimalava o sociólogo brasileiro, pretendia ser «a absoluta conciliação do pensamento com a realidade, e terminou sendo a volatilização es-

piritualista da realidade e a adulteração metódica do pensamento puro». Tobias Barreto foi o primeiro pensador brasileiro a conhecer a doutrina de Marx, merecendo-lhe seus trabalhos a melhor opinião: «Carlos Marx é um crítico temível do capital e o mais valente pensador do século XIX no domínio da ciência econômica». Criticou acerbamente o absolutismo de Napoleão III, mostrando toda a indignação das demagógicas teorias que postulavam a melhoria da sorte dos trabalhadores através de minúsculas reformas, como alimentos a baixo preço, banhos gratuitos, etc. Escreveu que «A Filosofia da Miséria» de Proudhon «não serviu senão para pôr a nu, como o demonstrou Carlos Marx, toda a miséria da filosofia dessas teorias e reformas».

Em 1883 Tobias Barreto leu «O Capital», no original, que lhe produziu profunda impressão: «Carlos Marx diz uma formosa verdade ao afirmar que cada época histórica tem suas próprias leis... Quando a vida transpõe um determinado período de seu desenvolvimento, sai de um estágio e penetra em outro, começa a reger-se por outras leis».

Sendo de origem modesta, Tobias Barreto simpatizava com os trabalhadores mais humildes, denunciando a in-

justiça social imprante. Em 1877 funda em Escada o Clube Popular, para «inculcar no povo um sentido mais vivo de sua dignidade e despertar nele a cólera contra os exploradores e o entusiasmo pelos oprimidos». No discurso que pronunciou, inaugurando o Clube, disse que Escada era tida como uma das mais ricas cidades do país, quando, na verdade era uma das mais pobres do mundo: apenas 2% de sua população viviam bem, enquanto que 98% arrastavam uma existência de mendigos. A imensa maioria não sabia ler nem escrever, porque o Estado gasta mais com a polícia do que com a instrução pública».

Acentuando a decisiva significação do fator econômico na vida da sociedade, escrevia: «A questão cardeal de nosso tempo não é nem política e nem religiosa: é eminentemente social e econômica».

Por suas opiniões filosóficas e políticas, Tobias Barreto se situava próximo dos democratas revolucionários russos: não por acaso simpatizava tanto com o «radicalismo russo» de Hertzén e seus adeptos. Inimigo do despotismo, da autocracia, era-o também, e impiedosamente, do individualismo. Impugnava enérgicamente um «individualismo» cuja linha em seu desenvolvimento conduz a uma conseqüência prática tão «bela» como o revolvismo (gangsterismo) norte-americano. E' famoso o discurso que pronunciou há 80

anos passados, perante o povo de Escada: «Sou filósofo, crente nas leis da história que guiam o destino dos povos. E essas leis também produzirão seus efeitos sobre o nosso povo. Da mesma forma que os cometas não passam pela mesma órbita, as nações não seguem trajetória idêntica. De todos os conflitos do país, chegam maldições e queixas: é a nova vaga que se aproxima. De nada serve bater no peito e clamar por misericórdia. Ninguém nos ajudará se essa ajuda não partir de nós mesmos. Arrojem-se para longe, pois, nossos preconceitos, nossas reservas, nossos temores e sejamos um povo livre. Sim, senhores: é cabalmente isso: liberdade o que nos falta. «Eu — dizia o filósofo — não pertencio a esses teóricos de pacotilha, que creem que o povo ainda não amadureceu para a liberdade, como se fosse possível aprender a nadar sem se meter dentro d'água, ou dominar a equitação sem montar a cavalo».

Em que pésem certas deficiências, as idéias democráticas, materialistas e avançadas de Tobias Barreto, tal como a sua crítica da religião e do idealismo filosófico, possuem conteúdo revolucionário nas condições feudais-escravagistas da monarquia brasileira. As posteriores gerações de intelectuais brasileiros aprenderam com Tobias Barreto a pensar criticamente e a lutar contra a política e a ideologia reacionárias.

Em que pésem certas deficiências, as idéias democráticas, materialistas e avançadas de Tobias Barreto, tal como a sua crítica da religião e do idealismo filosófico, possuem conteúdo revolucionário nas condições feudais-escravagistas da monarquia brasileira. As posteriores gerações de intelectuais brasileiros aprenderam com Tobias Barreto a pensar criticamente e a lutar contra a política e a ideologia reacionárias.

# RAVINA

RAVINA foi escrita e dirigida por um crítico de cinema, Rubem Bláfora da equipe de «O Estado de São Paulo» originando-se daí o interesse com que foi aguardada a estréia, resultando em conseqüência um diálogo entre a crítica paulista e carioca. Em São Paulo, como no Rio houve quem aplaudisse sem restrições e outros que a criticaram de maneira severa.

A nosso ver Ravina é uma película frustrada em suas boas intenções, aparecendo aqui e ali algumas notórias qualidades. Mesmo assim, decepciona por sabermos ter sido realizada com largos recursos, sendo que Rubem Bláfora a concebeu e realizou inteiramente. Evidentemente que no plano comparativo não se pode nivelar as chanchadas carnavalescas com o filme do crítico paulista. Nas chanchadas não existe qualquer preocupação plástica, literária ou cinematográfica. Isto porém não desculpa a excessiva pretensão de Ravina, uma história frágil, esticada tremendamente para alcançar a metragem normal, com seqüências inteiramente arbitrarias no desenrolar da ação. O simples fato de se desejar fazer uma fita de ambientação nacional não é suficiente para dar-lhe o atestado de boa qualidade. E' preciso mais. Já atingimos uma etapa de desenvolvimento em que já pode exigir histórias mais bem trabalhadas e originais.

O grande mal do filme dirigido por Bláfora está na história não alinhavada, nos diálogos primários, isto porque no aspecto puramente técnico vê-se claramente as suas possibilidades. Dos erros cometidos poderá seu realizador tirar os ensinamentos para a atividade futura.

A discussão que se tem travado sobre as influências exercidas pelo sucesso Bergman ou o norte-americano Wyler sobre Rubem Bláfora é coisa secundária. Que importa tenha ele recebido influência denotada na tendência ao paisagismo com rios, lagoas, simbolismos ou na

GENNYSON ALVEIDO

concepção da decoração dos salões com escadarias, na referência a uma personagem que não aparece na história? Tudo isto seria altamente positivo se o resultado final fosse bem sucedido. Assim como aparece são apenas detalhes isolados.

De todo o elenco de Ravina merece destaque especial a figura atraente de Eliane Lage, uma atriz sensível e bonita. Outro valor que avulta entre as qualidades de Ravina é a magnífica decoração, das melhores que já se fizeram em estúdio na Vera Cruz.



Eliane Lage: beleza e talento

## ANEDOTÁRIO DO PADRE ANTONIO VIEIRA

Perguntado o menino Antônio, tendo de idade apenas três anos e estando no adro da Sé, quem era e como se chamava seu pai, por um homem que ali se achava e se quis divertir, com a sua esperteza respondeu o menino:

— Senhor, se vossemecê não sabe, para que lhe hei de dizer o nome, e menos se vossemecê não conhece?  
 — Ora dize — replicou o homem —, que eu conheço meio mundo nesta terra, e por isso certamente conheceria.  
 — Pois, senhor, — respondeu o grande menino — se vossemecê conhece meio mundo, eu sou do outro meio que vossemecê não conhece.

Estava conversando uma ocasião o Padre Vieira com o Padre Bartolomeu do Quental, a tempo que passou o venerável Frei Antônio das Chagas; e disse o Padre de Quental para o Vieira:

— Este homem deu uma volta inteira à sua vida.  
 — Não deu senão meia; porque, se dera uma, ficaria como dantes. Respondeu o Padre Vieira.

Prêso o Padre Antônio Vieira no Santo Ofício, lhe disseram os Inquisidores:

— Basta, padre, que dissestes em um sermão que os juízos dos homens são mais para temer que os juízos de Deus!

Respondeu-lhe:  
 — Pois se eu o disse lá fora, que direi agora cá dentro?

## Trono Manchado De Sangue



Trono Manchado de Sangue (Kumonosu-Di) é um filme japonês de Akira Kurosawa, diretor que no pós-guerra projetou o cinema de seu país com dois filmes famosos Rashomon e Os 7 Samurais, estreado a semana que passou no cine Jôia (São Paulo). Desta vez o talento de Kurosawa revela-se ainda mais poderoso numa proeza audaciosa fazendo a adaptação de «Macbeth de Shakespeare, para o Japão Medieval. O ator Toshiro Mifune lidera o elenco ao lado de Isuzu Yamada, (foto). Esperamos que em breve possam filmes como Trono Manchado de Sangue e O Homem do Riquixá vir a ser exibidos no Rio, onde os exibidores não se convenceram da possibilidade de contar com um público certo para o filme japonês. Que façam uma experiência e guardem os resultados, pois o bom cinema tem seus adeptos

# HÁ UM BILHÃO DE ANOS SURTIU A VIDA NA TERRA

As formas mais simples de vida na Terra, entre elas as algas verde-azuladas, apareceram em nosso planeta há um bilhão de anos.

O geólogo soviético Alexandr Ronov, apresentou novas provas a este respeito em seu informe à Conferência Geológica para formações sedimentares da União Soviética, realizada em Tachkent.

Até agora, cientistas de muitos países não fizeram senão apresentar hipóteses sobre o momento da aparição da vida em nosso planeta e os prazos supostos oscilam entre 800 milhões a vários milhares de milhões de anos para as mais diversas formas simples de vida.

O dr. Ronov, colaborador do Instituto de Geoquímica da Academia de Ciências da URSS, estudando a composição da atmosfera no curso de toda a história da Terra, determinou prazos mais verossímeis, segundo é próprio, do apareci-

mento de organismos vivos na superfície terrestre, na era protozoária.

Conseguiu investigar as mudanças de composição da atmosfera, seguindo as particularidades da estrutura geológica e da composição química da camada aluvial da Terra.

A curva traçada pelo dr. Ronov mostrando as mudanças de correlação do oxigênio e de ácido carbônico na atmosfera é um espelho original do desenvolvimento da vida na Terra. Os pontos mínimos críticos expostos na dita curva correspondem a diversos períodos da atividade dos organismos. Pela curva, por exemplo, se vê quando aparecem as algas verde-azuladas, quando aparecem as plantas, quando se formaram as plantas foliáceas.

Os resultados das investigações do dr. Ronov serão expostas este ano no Congresso Oceanográfico Mundial, em Nova Iorque.

## Escritores Poloneses Fundam Clube de Debates

Por iniciativa dos escritores W. Zukrowski, Jerzy Putrament e outros, vem de ser fundado em Varsóvia um clube para debate de temas literários. A nova entidade, que se chama «Krag», é um reflexo da intensa atividade desenvolvida pelos escritores poloneses após o segundo congresso nacional, realizado em dezembro último. Os antigos grupos de escritores, existentes antes da guerra, voltam a ganhar vida, como é o caso do grupo «Przedmiescie», de que participam autores consagrados e escritores da mais nova geração.



FMI NA CAMARA:

SÓ 3 MOSQUETEIROS DO ENTREGUISMO

SAIRAM EM DEFESA DE WALL STREET



A decisão do sr Kubitschek de romper os entendimentos com o Fundo Monetário repercutiu fortemente na Câmara Coube ao sr. Neiva Moreira iniciar a sessão de pronunciamentos sobre o assunto, na tribuna. O sr. Neiva Moreira representa a ala nacionalista mais ativa do PSP, que é o partido do sr. Ademar de Barros. Outro pes. epista, o representante alagoano Souza Leão, secundou o protesto, com o entusiasmo de homem de um dos Estados brasileiros onde está jorrendo petróleo. O sr. Franco Monteiro, do PDC (partido em cuja legenda se elegeu o próprio sr. Jânio Quadros), hipotecou a solidariedade de sua bancada ao gesto do Presidente da República. E o sr. Draut Ernani, homem geralmente avesso a exaltações, saiu-se de seu mutismo para clamar, num microfone de apertes, que devemos fazer do Rio de Janeiro a capital da luta nacionalista dos povos latino-americanos. O industrial e homem de negócios dava a seu protesto um conteúdo de internacionalismo anticolonialista.

Eleitos pelos setores mais esclarecidos da opinião pública do Distrito Federal e da Bahia, os srs. Lício Hauert e Fernando Santana também se solidarizaram com o chefe do Executivo. Enquanto que o sr. Almino Afonso, do PST do Amazonas, louvava o gesto do sr. Kubitschek, observando que a Petrobrás não é uma instituição improvisada, e sim o fruto de lutas de nosso povo, na qual participaram milhares de brasileiros. Falando já como líder do PTB (em substituição ao vacilante e suspeito sr. Ferrari, destituído na véspera), o sr. Osvaldo Lima Filho afirmou que o apoio de seu partido ao Presidente da República, no rompi-

mento das negociações com o Fundo Monetário era restrito. Um representante da ala dutrista do PSD, o goiano Anísio Rocha, apontou como patriótica a atitude do sr. Kubitschek. Esses pronunciamentos foram feitos, por vezes, em discursos prolongados, que quebraram a rotina regimental, invadindo a hora destinada à ordem do dia.

A QUINTA-COLUNA

Em pleno ato de condenação do imperialismo, que o Fundo Monetário encarna, surgiram os defensores de Wall Street. Surgiram motivos pelo amor aos criminosos, virtude de Santa Catarina, que Malaparte assim descreve: «Catarina acorria ao patíbulo, onde o assassino já dobrava o joelho e lhe oferecia o seio para mamar». Assim acorreram para socorrer o Fundo Monetário três mosqueteiros da 5.ª Coluna entreguista: Carlos Lacerda, Raimundo Padilha e Herbert Levy. Lacerda investindo violentamente contra o sr. Kubitschek, no momento em que o Presidente da República adotava posição de resistência à pressão norte-americana; Padilha (denunciado, durante a guerra, como espião nazista) procurando apresentar o Fundo Monetário como organismo técnico, impermeável às influências do Departamento de Estado; e por fim o banqueiro e negociante de café Herbert Levy alegando que o Fundo apresentava ao Governo brasileiro apenas exigências de ordem técnica.

A mistificação de Padilha, momentos depois, seria desmascarada pelo sr. Josué de Castro, esclarecendo que os votos nas de-

liberações do Fundo Monetário são contados segundo a participação monetária de cada País. Os Estados Unidos influem decisivamente com os seus votos, correspondentes ao maior depósito, que é o seu, utilizando ainda sua influência sobre delegações de países submissos economicamente à América do Norte. O próprio Truman, segundo relato o sr. Josué de Castro, não ocultava que o governo americano se utiliza de seu poderio econômico-financeiro «como arma para obter aliados».

OBJETIVO: A PETROBRÁS

Assim, a pressão do Fundo Monetário sobre o Governo brasileiro exerce-se em função dos interesses das grandes organizações capitalistas norte-americanas e tem endereço certo: visa à liquidação da Petro-

brás, justamente quando a abertura de novos poços, no Norte da Bahia, em Sergipe e em Alagoas, torna claro que dentro de pouco tempo seremos auto-suficientes em matéria de petróleo, abundando-se desse modo, graças à tuteia da política do monopólio estatal, perspectiva ridícula para a economia do nosso país, cujo desenvolvimento os trustes anques tentam desesperadamente conter, por todos os meios, usando seus processos criminosos, que vão desde a chantagem e a corrupção, até à articulação de golpes armados de caráter entreguista e de agressões militares partidas do estrangeiro. Neste sentido a nação foi alertada pelo representante petebista sr. Temperani Pereira, dias depois da sessão em que as correntes democráticas da Câmara hipotecaram irretrita solidariedade ao sr. Kubitschek no caso do Fundo Monetário. O sr. Temperani Pereira leu, para

que ficasse no conhecimento do plenário, trechos de um artigo da publicação americana «Hanson's Latin American Letter», em que se afirma que «o fator tempo é o mais importante no caso brasileiro». Seguem-se alusões ao movimento nacional de luta contra o colonialismo, como, por exemplo, o movimento pela encampação de empresas elétricas, tudo em tom de ameaça. Disse o sr. Temperani Pereira, a propósito da leitura que acabava de fazer: «O que existe é um imperialismo que defende sua posição, se possível com bonitos discursos e mentiras convencionais, mas para cuja sobrevivência não hesita em lançar mão de todos os expedientes, inclusive a pressão econômica, a ameaça e a intimidação, levando de roldão o que há de mais sagrado na formação de um povo, que é o direito de livremente dispor os seus destinos».

RIO GRANDE DO NORTE Delegação De Deputados Ao Festival Da Juventude

A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte enviará ao VII Festival Mundial da Juventude uma delegação oficial composta dos deputados Moacir Torres Duarte (UDN), Angelo José Varela (PDC), Luis Inácio Maranhão (PTN), Aluizio Gonçalves Bezerra (PSD), Jerônimo Vingt Rosado

Maia (PR), Vicente da Mota Neto (PSD) e Raimiro Pereira da Silva (PTB). Esses deputados, que integram a Comissão de Estudos Econômicos da Assembléia do Estado, contam com o apoio do governador e dos meios econômicos e financeiros da região, interessados em entrar em contato com governos e entidades que se interessam em desenvolver o comércio com aquele Estado nordestino.

VII Festival Mundial da Juventude. O programa teve início às 9 horas da manhã com um discurso do presidente do sindicato, que falou sobre o significado do encontro dos jovens de todo o mundo em Viena. Logo após começaram as provas esportivas que se prolongaram até a tarde, obedecendo a um variado programa.

Assembléia de Sergipe Apóia Brizola

ARACAJU (Do Correspondente) — A Assembléia Legislativa de Sergipe, por iniciativa do deputado Antônio Machado, aprovou uma moção de aplauso à atitude do Governador Brizola por sua decisão de encampar a Companhia de Energia Elétrica do Rio Grande. Na mesma moção, a Assembléia se pronunciou a favor da estatização do serviço de eletricidade, «abandonando o controle e de domínio de capital particular e de lucro privado». Também a Câmara Municipal de Aracaju aprovou moção de aplauso ao Governador do Rio Grande do Sul pela encampação da Bred até Share, apresentada pelo vereador Agostinho Pacheco.

Reforma Agrária No Estado Do Rio

CARLOS DANIELLI

O progresso do Estado do Rio é a melhoria do bem-estar de seu povo vem sendo entravado pela existência de grandes latifúndios que dominam quase toda a área cultivável, mantendo a no abandono ou transformação em pastagens. De 1940 a 1950, diminuiu fortemente o número e área ocupada as propriedades de menos de 200 hectares, enquanto aumentaram de 324 para 429 as propriedades de mais de 1.000 hectares, cuja área se elevou no mesmo período de 693.000 para 923.000 ha. (Censo Agrícola de 1950). Essa alta concentração da propriedade na agropecuária fluminense em mãos de poucas pessoas e técnica atrasada nela utilizada (71% das propriedades utilizam apenas a força humana e apenas 0,9% empregam tratores e máquinas) são algumas das causas das graves dificuldades atuais no abastecimento das cidades em gêneros alimentícios e de matérias-primas para a indústria, pois são das mais baixas a produtividade do trabalho. Tudo isto se reflete com o progresso econômico do Estado, cuja produção industrial, por seu valor, é várias vezes superior à produção agropecuária e não encontra mercado consumidor devido ao baixo poder aquisitivo das massas, somado ao inchaço, sem melhor de trabalho e recebendo salários muito baixos do salário mínimo. A nova correlação de forças políticas surgida no Estado após o pleito de 3 de outubro de 1958, no qual foram vitórias candidaturas nacionalistas e democráticas e derrotas políticas tradicionalmente ligados aos latifundiários, possibilita medidas urgentes de reforma agrária que dêem a terra aos que nela trabalham ou queiram trabalhar e lhes facilite assistência técnica, crédito, educação, profissional, etc., como estabelecido a Constituição Estadual.

problemas de fundo no que se refere ao problema da terra, são progressistas, constituem o primeiro passo para a plena aplicação dos dispositivos constitucionais que visam à extinção do latifúndio no Estado. Não poderiam, assim, deixar de contar com o apoio de todos aqueles que lutam pelo progresso econômico e social, entre eles os comunistas. Apoiados, em princípio, as medidas propostas, cuja aprovação dependerá, em grande parte, da mobilização das massas em sua defesa e, sobretudo, dos mais interessados na adoção de medidas de reforma agrária, os camponeses. Aliás, é de se ressaltar, os camponeses fluminenses, nos últimos meses vêm se movimentando intensamente, realizando concentrações na Assembléia Legislativa e na sede do Governo Estadual, principalmente exigindo medidas contra os grileiros que em Pedra Lisa, Magé, Duque de Caxias, Casimiro de Abreu, S. João da Barra e outras localidades querem tomar as terras que os posseiros há muito cultivam. E de se esperar que tais movimentos se ampliem, adquirindo ainda vez mais um caráter de massa, visando à aprovação do Plano Piloto com as emendas que se tornam necessárias, a fim de garantir a continuidade e fortalecimento das organizações de lavradores e possibilitar a conquista de novas e novas vitórias, pois o projeto apresentado, ao lado de seus aspectos positivos, contém falhas e omissões que precisam ser corrigidas.

Consideramos errôneo o item do projeto que prevê a cooperação obrigatória, sob o patrocínio do governo, como condição para obter as vantagens previstas no Plano Piloto. Somos favoráveis à cooperação e à adoção de métodos racionais e científicos na agricultura, mas, a nosso ver, isto deve ser fruto de um trabalho persistente de esclarecimento e convencimento dos camponeses, que ingressarão nas cooperativas por livre e espontânea vontade, à base de sua experiência prática e nunca por métodos administrativos. A imposição da cooperação e de outras medidas poderá acarretar descontentamento entre os lavradores, o que será possivelmente aproveitado pelos inimigos da reforma agrária em sua luta contra a atitude democrática e progressista do governo estadual. O enfraquecimento das associações de lavradores dificultará a mobilização das massas em prol de novas medidas de reforma agrária de acordo com os dispositivos da Constituição Estadual que muito tem de positivo em benefício do homem do campo. Tais dispositivos precisam ser regulamentados com a máxima urgência, a fim de que se tornem efetivos e sejam aplicados em sua plenitude. O patrocínio das cooperativas pelo governo, além do mais, é inconstitucional, pois o artigo 136 da Constituição estadual estabelece como incumbência do Estado e dos Municípios o incentivo à organização de cooperativas. O legislador quer aqui dizer que o Estado e os Municípios devem dar toda a ajuda e incentivo às cooperativas livremente organizadas e dirigidas pelos cooperados. Há grande diferença entre incentivar e patrocinar.

Apesar das falhas, o projeto de Plano Piloto, em seu conjunto, tem um conteúdo progressista. Sua aprovação dependerá, em última instância, não só do apoio de todos os homens progressistas do Estado do Rio, mas, sobretudo, dos próprios lavradores, pois apesar de limitado, aquilo mesmo do previsto na Constituição Estadual, o plano encontra e, por certo, encontrará uma resistência cada vez mais tenaz dos grandes proprietários de terra, dentro e fora da Assembléia Legislativa. As vitórias obtidas pelos nacionalistas e democratas fluminenses precisam ser completadas e consolidadas. Elas abrem o caminho para a adoção de medidas visando a garantir o progresso do Estado e o bem-estar do povo. Isto é o que espera o povo fluminense dos homens progressistas de todos os partidos, adotando-se as medidas indispensáveis à plena aplicação dos dispositivos democráticos contidos na Constituição de 20 de junho de 1947.

Problemas da Paz e do Socialismo No. 2 Já se ache à venda nas livrarias e bancas de revistas

FESTIVAL TEXTIL EM SÃO PAULO

O Sindicato dos Textéis de São Paulo promoveu no dia 7 do corrente, no Estádio Distrital da Mooca, um grande ato de apoio ao

ESTUDOS SOCIAIS

Esta reunião do n.º 3 da revista «Estudos Sociais» correspondente ao março-abril. «Estudos Sociais» apresenta um estudo de grande atualidade «OPENO — um problema em debate» de Moacir Paz. O plano governamental para o Nordeste é aí discutido em seus aspectos fundamentais, destacando o autor as suas vantagens e debilidades e omissões. Dois estudos são interessantes também, referentes ao Brasil: «Um capítulo da formação da propriedade agrária — a sesmaria», de Alberto Passos Guimarães e «O trabalho na Minas Gerais», de Manuel Costa Filho. Outros artigos de «Estudos Sociais»: «A vitória da China contra a fome», do professor Josué de Castro; «A propósito do XXI Congresso do PCUS»; «O Irracionalismo, fenômeno internacional no período imperialista», de G. Lukacs; «Relação entre as ideias políticas e filosóficas de Lukacs», de Josef Sziecti; «Idéias dispersas», de Ilia Ehrenburg; críticas de livros e revistas e correspondência. «Estudos Sociais» pode ser encontrada nas bancas de jornais e livrarias.

FALECEU CALVINO FILHO

A 15 de junho faleceu nesta Capital o escritor e ex-editor Calvino Filho. Calvino Filho tem seu nome ligado ao movimento editorial no Brasil, do qual foi um dos pioneiros e renovadores. Numa época em que havia desconhecimento quase completo de obras marxistas em nosso país, Calvino Filho tomou a iniciativa de editar obras de teor marxista, assim como de divulgação da construção do socialismo na União Soviética. Foi ele quem entregou ao público brasileiro livros como «Anti-Dühring» de Engels, «A Origem da Família, da Propriedade privada e do Estado», a biografia de Lenin «O Gênio da Revolução proletária» do Instituto Marx-Engels-Lenin da URSS, biografias de Marx, obras de Stalin e outros teóricos marxistas. Mesmo durante o Estado Novo, logo que as condições o permitiram, ainda em plena guerra, Calvino voltou a editar obras marxistas e de divulgação sobre o socialismo em construção na URSS, encontrando sempre um público interessado e que o estimulava. Foi este um de seus grandes méritos: despertar entre nós o interesse pelas idéias mais avançadas de nosso tempo. Calvino Filho desapareceu aos 55 anos de idade. Deixa viúva a sra. Valentina Grinchenkova, a quem enviamos nossas condolências.

A Revolução Constitucionalista de São Paulo A LOCOMOTIVA



FAVELADOS DÃO LIÇÃO A PREFEITURA

Borel Virou Independência e Resolve Seus Problemas

Reportagem de ANA MONTENEGRO

Proseguiu domingo passado, dia 14, com uma sessão plenária realizada às 16 horas, no morro do Borel, o Congresso dos Trabalhadores Favelados.

O morro do Borel, hoje chamado de morro da Independência, com seus 3.000 barracos e quase 20.000 habitantes, pode ser apresentado como um exemplo para as demais favelas cariocas. Em constante luta contra várias tentativas de despejo, completamente abandonado pela Prefeitura, aprendeu a defender-se com a força da unidade de seus moradores e a construir as suas próprias condições de vida pela vontade e pelas mãos de seus homens e de suas mulheres, que se reúnem em torno do programa da União dos Trabalhadores Favelados. Quem sabe o morro encontra logo o barraco da Rua São Miguel, onde funciona a UTF e onde são discutidos os problemas que dizem respeito ao bem-estar daquela laboriosa coletividade, constituída, em sua maioria, de trabalhadores da construção civil. Daquele barraco da Rua São Miguel foi comandada toda a resistência às tentativas de despejo, quando ainda era vivo o sr. Felipe Pinto, proprietário das lojas "A Seda Moderna". E essa resistência tem conseguido sustar a ação de despejo, que poderá ser renovada quando assim o entendam os interessados. Ao que consta, porém, os herdeiros do sr. Felipe, que então se apresentava como dono do Borel, contentar-se-ão com a indenização da PDF. Mas até quando? Enquanto isso os moradores descem e sobem o morro, trabalham, vivem e estão, presentemente, participando dos trabalhos do Congresso, apresentando as suas experiências positivas.

é o mesmo problema de todas as favelas, problema angustiante para os adultos, e que marca as crianças, toda uma geração, com a verminoso, endemia inadmissível numa cidade como a do Rio de Janeiro.

O morro da Independência que, na verdade, na medida de suas forças — materialmente muito inferiores às suas grandes necessidades — vem abrindo um caminho novo para as lutas das demais favelas, tem suas próprias idéias e teses a respeito dessas necessidades, segundo ouvimos de um grande número de trabalhadores. No Congresso dos Trabalhadores Favelados estão defendendo as seguintes proposições: a) levantamento da terra onde exista favela para conhecer seus verdadeiros donos; b) loteamento e entrega aos próprios favelados, pela municipalidade, com financiamento a longo prazo, por parte dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões e Montepio para onde contribua o favelado; c) apoio à reforma agrária no sentido de fixação do camponês na terra onde trabalha, a fim de evitar o êxodo dos retirantes do Nordeste e dos despejados dos feudos dos coronéis do Sul.

UNIÃO DOS TRABALHADORES FAVELADOS

Não queremos encerrar esse registro da vida e das lutas dos favelados do morro da Independência sem uma referência especial à UTF, que tem contribuído para cada combate e cada vitória dos trabalhadores. Desejando estreitar, ainda mais, o conhecimento com os seus associados, para continuar contribuindo, concretamente, na conquista de melhores condições de vida, além da escola e do Posto Médico, a UTF acaba de criar comissões de Educação e Saúde. A primeira fará o levantamento do número de alfabetos e estudará os meios para diminuir os índices apurados; enquanto a segunda fará um inquérito sobre as condições de higiene.

Vale a pena ir ao morro do Borel e conhecer os seus problemas, porque ao lado desses problemas encontramos a firme disposição de alcançar muita coisa que a cidade lá em baixo teima em negar, como se a higiene, a cultura, a segurança fossem bens privados de alguns poucos.

CONQUISTA

A localização do morro é privilegiada: tem 32 ruas — dádiva da natureza que as autoridades municipais não aproveitaram. E em meio a tanta fartura raros são os barracos que têm água. Mas existe uma caixa d'água com dez mil litros, estando em construção mais duas, com a capacidade total de 16 mil litros. Essas caixas são construídas por moradores que se agrupam em sociedade para canalizar e guardar a água. A PDF não contribui com um único centavo. A escola de alfabetização, uma só no morro para um mundo de crianças, é mantida pela UTF, dentro das suas limitadas possibilidades. Inútil será pedir auxílio ao SERPHA, e os moradores sabem que não poderão contar a não ser com a organização de todos. O Posto Médico que funciona, também, em condições precárias, por falta de recursos, é uma iniciativa da UTF. Esgotos não existem.

DIRETRIZES E BASES DO ENSINO

PORTO ALEGRE — (Do correspondente) — O Movimento Nacionalista do Julinho, do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, aprovou moção de apoio à aprovação do Projeto de lei 2.222/57, que estabelece as Diretrizes e Bases do Ensino, apresentado pelo Ministério da Educação e Cultura. Ao mesmo tempo, denuncia o substitutivo do



Parte da assistência à sessão plenária (no Borel) do Congresso de Favelados.

PRESTES EM ANÁPOLIS E BRASÍLIA

ANÁPOLIS — (Do correspondente) — Acolhido pela Comissão de Recepção e por uma pequena multidão que o aclamava, Luiz Carlos Prestes foi alvo de carinhosas homenagens ao chegar a Anápolis.

Logo após a sua chegada, Prestes foi apresentado ao Prefeito e ao Juiz de Direito. Este último acompanhou o líder comunista a um passeio pela cidade, durante o qual, entre outras visitas, foi percorrido o hospital municipal.

Dando início ao cumprimento do programa elaborado pela Comissão de Recepção, Prestes concedeu uma entrevista coletiva à imprensa, no Clube Recreativo Anapolino. Além de repórteres e fotógrafos, cerca de 300 pessoas lotaram as dependências do clube, desejosas de ouvir as palavras do Cavaleiro da Esperança. A Rádio Emissora local fez a cobertura da entrevista. A maioria das perguntas dirigidas a Prestes versou a respeito da situação econômico-financeira do país e da sucessão presidencial. No tocante às questões financeiras, Prestes criticou a política

adotada pelo governo e, particularmente, o plano de estabilização monetária do Ministro Lucas Lopes. A respeito do problema sucessório, procurou mostrar o conteúdo reacionário da candidatura de Jânio Quadros e das forças que a apóiam.

Um dos jornais — a Frente Popular — além da entrevista coletiva, publicou em fac-símile um histórico documento da Coluna Invicta. Trata-se de um salvo-conduto dado a uma família que fora ao encontro da Coluna. O documento é assinado por Prestes, Miguel Costa e Jurez Távora.

Em Anápolis, como em todo o Estado de Goiás, a transferência da Capital Federal para Brasília suscita grande entusiasmo, em virtude do surto de progresso que isso acarreta. Inquirido a esse respeito, Prestes respondeu que Brasília precisava ser a Capital de um país emancipado, e não de um país subdesenvolvido, pois o segundo caso faria com que as riquezas fossem drenadas para o estrangeiro.

Foi oferecido ao ex-senador comunista um churrasco, ao que compareceram cerca de 100 pessoas, presente o Presidente da Associação de Imprensa, além de outras personalidades. Entre os discursos proferidos no ágape, destacaram-se a saudade feita a Prestes, as palavras de um camponês que possuindo 8 alqueires de terra não podia cultivá-los por falta de ajuda técnica e financeira oficial, e a conclamação feita para que se criasse no Município uma Frente Nacionalista. O discurso de Prestes foi vivamente aclamado.

Terminando o programa da visita a Anápolis, o líder comunista foi recebido em sessão solene na Câmara Municipal, onde a sua recepção e a sua despedida foram acompanhadas pelos acordes de uma banda de música. Um dos edis foi designado pelo Presidente da Câmara para saudar Luiz Carlos Prestes, que, em resposta, discursou, apresentando a Plataforma dos 5 pontos de Unidade, estendendo a mão a quantos desejassem participar da luta contra o jugo imperialista.

EM BRASÍLIA

No dia 4 da corrente, tendo chegado por volta de 8 horas e partido às 15.30, Luiz Carlos Prestes esteve em Brasília, visitando as obras da construção da nova capital.

O ex-senador comunista foi recebido pelo Dr. Quadros, Secretário-Geral da Comissão da NOVACAP, com quem manteve cordial palestra. O Dr. Quadros, gentilmente, colocou o public-relations do seu escritório à disposição da comitiva que acompanhava Luiz Carlos Prestes, além de ceder-lhe uma camioneta para facilitar as visitas.

O líder comunista percorreu as obras da cidade e o Palácio do Alvorada. Prestes foi carinhosamente recebido pelos trabalhadores das obras que visitou, além de receber cumprimentos dos comerciantes locais e dos funcionários da NOVACAP.

Foi oferecido a Prestes um almôço no grande hotel de Brasília, numa homenagem prestada pela NOVACAP ao ex-senador.

No Escritório do Dr. Quadros, Prestes recebeu a visita do Coronel Osniar Dutra, chefe de polícia local, irmão de Djalma Dutra, herói da Coluna Invicta.

EM TODAS AS LIVRARIAS

O OLHO E O SOL

Serguéi Vavílov

As reações ingênuas da criança em relação à luz, a religiosidade do homem primitivo ante o sol, os devaneios do poeta embravecido com o olhar da amada e com as estrélas, as falsas teorias que se sucedem sobre os fenômenos luminosos, enfim, a longa, complexa e maravilhosa evolução da óptica é neste livro analisada à luz do conhecimento do sábio soviético S. Vavílov.

Novo lançamento da "Coletânea de Estudos Científicos" (5.º volume).

COLETÂNEA DE ESTUDOS CIENTÍFICOS

volumes já publicados:

- 1 — A Albumina e a Vida (esgotado) E. Braunstein.
2 — A Origem da Vida - A. Opárim
3 — O Vóco no Espaço Cósmico - A. Sternfeld
4 — ABC do Sistema Solar - V. G. Fesenkov

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

R. Juan Pablo Duarte, n.º 50 — Sobrado

Telefone: 22-1613

RIO DE JANEIRO

(Atendemos pelo Reembolso Postal)

ALUNOS-PROPAGANDA

O Ministro da Educação devia atentar para o que se passa atualmente em diversas escolas de S. Paulo, que obrigam os estudantes a usarem, nas camisas dos seus uniformes, distintivos que, além de ridículos, representam verdadeiras aberrações.

Há um colégio cujo símbolo é um animal que tem o corpo semelhante ao de um papagaio, pés de pato e mãos de macaco, e com

uma infinidade de cores que lembra o arco-íris. E os jovens são obrigados a andar pelas ruas com tais fantasias, fazendo propaganda do educandário. E, na ânsia de superar o rival, cada colégio se esforça ao máximo para "aprimorar" a criação desses emblemas do "outro mundo".

Uma escola é coisa séria. Não foi feita para que os estudantes desfilassem como homens-propaganda, exibindo séres fantásticos, que não são aves, nem peixes, nem coisa alguma.

Essa prática parece-nos uma grotesca imitação da simbologia dos estabelecimentos de ensino norte-americanos, de onde são oriundos esses distintivos sem nexo.

E' verdade que nem todas as escolas assim procedem. Mas o Ministro da Educação devia encontrar um meio de proibir tais extravagâncias, que não pertencem aos nossos usos, pois amanhã poderá surgir um colégio que tenha por emblema uma bomba atômica ou algo parecido. (Do leitor José da Silva — SP.)

MÉXICO REBELDE

por JOHN REED

"A fama de John Reed torna desnecessária sua apresentação. O grande autor dos "Dez dias que Abalaram o Mundo" — cujo texto completo foi recentemente lançado por Edições Zumbi com grande sucesso — goza de legítima fama mundial, tendo participado em acontecimentos históricos extraordinários e sobre os quais escreveu com sagacidade incomum".

"México Rebelde" é o seu segundo livro, cuja publicação, durante muitos anos, foi ocultada e perseguida". Peça-o hoje mesmo pelo reembolso postal — Preço Cr\$180,00 — Livraria das Bandeiras, Rua Riachuelo, 342 — loja 2 — São Paulo.

MUITO BEM, PRESIDENTE!

MARIA GABRIELA

Consta que tem trinta e cinco anos. Hoje em dia, um homem com essa idade pode ser chamado jovem. Não sei se terá família. Quero dizer: esposa e filhos, pois que família é clara que tem, se dermos à palavra um sentido mais amplo. Certamente algumas pessoas estarão sofrendo por ele, com o estado em que ele se encontra, com a incompreensão que o cerca. Sim, pois nem todos acreditariam que exatamente há quatorze anos, quando acabou a guerra, ele era apenas um jovem de 21 anos, perfeitamente normal. Tão normal que fora escalado para o terrível ofício de matar e, se fosse o caso, morrer. E vos todos sabeis, amigos meus, que os aptos física e mentalmente são aceitos para tal mister. Hoje, portador de neurose de guerra, andou levando vida e susto às jovens estudantes que atacava no caminho para a escola. Tem um nome e um posto a zelar, conserva em casa várias medalhas conquistadas por atos de bravura, mas de nada tem consciência, mergulhado nas trevas de uma insanidade da qual oxalá se recupere. Fim do conflito geral, vários focos continuaram acesos em pontos diversos do mundo. E homens insensatos, movidos por ambições imperialistas, tudo fizeram, desde então, para reacender uma nova guerra mundial. A vigilância dos partidários da Paz e do entendimento entre os homens, a consciência da própria dignidade, cada vez mais viva em cada indivíduo e em cada povo, geraram movimentos de libertação, os quais, sacudindo jugos colonialistas, afastam as possibilidades de uma nova hecatombe. Mas o perigo ainda não passou. E enquanto lá fora se luta para pôr fim às experiências atômicas, pelo uso pacífico da energia nuclear e pelo desarmamento, nós também temos a nossa luta interna, que se pode traduzir assim: combate sem tréguas a todo e qualquer acordo que atente contra a nossa soberania. Defesa intransigente de nossos direitos de povo livre e de nossas riquezas. Eis porque estamos todos ao lado do Sr. Juscelino Kubitschek quando se opõe com energia e altivez às atrevidas intromissões do Fundo Monetário Internacional. Muito bem, Presidente!

RESPOSTA AOS LEITORES

JOAQUIM TEIXEIRA CHAVES (Juiz de Fora) — O assunto do seu comentário foge ao caráter do jornal. Gostaríamos de receber notícias ou reportagens sobre acontecimentos ou problemas importantes do interesse da população dessa cidade, particularmente os trabalhadores.

JULIO AUGUSTO DA SILVA — Anotamos alguns dados da sua carta, para futuro aproveitamento.

JOAO DOS SANTOS (São Joaquim da Barra) — Ineficazmente, a escassez de espaço não permite que publiquemos matérias da natureza da que o amigo nos enviou.

FRANCISCO B. LIMA (Niterói) — Agradecemos sua iniciativa de enviar colaboração. Entretanto, já temos colaboradores responsáveis pela nossa crônica semanal. Ficaríamos gratos se nos enviasse colaboração de outra natureza. Por exemplo: reportagens sobre problemas concretos do município ou do Estado, sobre questões de interesse das massas populares e trabalhadoras.

SEBASTIAO CORDOVIL (DF) — Na nossa planificação atual não incluímos a publicação de poesias. De qualquer forma, agradecemos o interesse em colaborar com NOVOS RUMOS.

CARLOS DE FREITAS ANDRADE (Diamantina — MG) — Agradecemos o recorte de revista que nos enviou.

FIRMO TEIXEIRA DA SILVA (Olinda — Estado do Rio) — Sobre o assunto do seu artigo, devemos publicar uma reportagem. Um dos nossos redatores foi enviado ao Amazonas para colher dados a respeito.

SEMANA UNIVERSITÁRIA

TERESINA (Do Correspondente) — Durante a I Semana Universitária do Piauí, recentemente realizada, foi criado o Núcleo Regional da Liga Nacionalista Brasileira, que conta com o apoio das organizações estudantis e operárias da capital do Estado. Já antes da Semana havia sido firmado um pacto de unidade operário-estudantil, tendo em vista a luta comum entre estudantes e trabalhadores por suas reivindicações e pelo nacionalismo. Um dos pontos altos da Semana Universitária foi o debate sobre o Acordo de Robore que mobilizou grande massa de estudantes e contou com o apoio dos sindicatos piaulenses.

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXEDI — O Poeta Vaqueiro

Essa carta é iscrivida Prus mandão dos três pudé. É dum cabóco sabido Qui quagi prindia a lé.

Façam justiça, meus branco, O anarfabeto qué votá. Se num sabemo, doutó, A curpa vem do sinhô Qui num quis nos insiná.

Vai fazê quientos ano Qui mecês governa o povo. O pobe num tem escola, Traubaia dérna de novo Pagando impôsto ao gunvêrno Pelo o que munto me lóvo.

Pr'onde vai êsse dinhéro? A repostá é cumpricada. Pôs num se tem hospítá, Escola pra mininada... Cum perdão de vassuncês: Samo u'a gente robada!

Nas inleição dos partido Percisa qui a criatura Cunheça as taba das leis Pra fazê sua iscritura.

Isso é dimais, seu doutó. Seu bisavó foi isperto... Sinão mecê também era Como eu anarfabeto.

Corenta e quato miões De brasilêro cativo Vive de canga e chucai De casa para o trabai Sem sabê praque é vivo

Samo nós qui sustentamo O luxo qui mecê tem. Fazemo istrada prus carré Fazemo linha pru trem, O paláço qui mecê mora. Tudo quanto li convém.

O muleque quando nace Mecê tem munta algría. Pôs é mais um desgraçado Pra sigui na merma tria. A muié do pobe é vaca Todos os ano da cria.

Queremo votá também Samo munto competente. Seja cristão, seu doutó, Tenha pena dessa gente!





### FESTA DOS JOVENS E DA PAZ

Têm sido intensificados, no Brasil, os preparativos para o VII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Na foto, o popular cantor Jorge Goulart quando participava de um ato artístico promovido pela Comissão carioca (Noticiário sobre o Festival na 10ª página)

### SINDICATOS COM JK

Dezenas de dirigentes sindicais cariocas dirigiram-se, na tarde do dia 12 do corrente, ao Palácio do Corde. Através do sr. Vitor Nunes Leal, fizeram chegar às mãos do Presidente Kubitschek uma moção de apoio do proletariado da Capital da República por sua atitude frente ao Fundo Monetário Internacional. Na foto, entre outros, o sr. Vitor Nunes Leal, chefe da Casa Civil da Presidência da República; Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Oswaldo Rodrigues, presidente da Federação Nacional dos Estivadores; Floriano Maciel, secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Produtos Químicos; Argemiro Rocha Junior, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica e Produção do Gás; e Roberto Morena, do Conselho Consultivo da CNTI.

# N'OVOS RUMOS

# SEMANA EM FOTOS



### "ACAMPAR PARA ENCAMPAR" - Os Universitários

do Distrito Federal, em sistema de rodízio, estão instalados desde segunda-feira, nas escadarias e adjacências da Câmara Municipal, a fim de que os vereadores apressem a aprovação da encampação da Universidade do Rio de Janeiro pela PDF. Os alunos da Faculdade de Ciências Médicas instalaram às portas da Câmara um posto de combate à gripe, atendendo a populares, distribuindo medicamentos, etc. Enquanto isso, os acadêmicos de Direito realizam júris simulados e os estudantes da Faculdade de Filosofia dão aulas a céu aberto. Há também nas calçadas várias mesas de pingue-pongue, xadrez e outros jogos, com os quais os jovens se divertem. Afirmando que se a Prefeitura distribuir de modo justo as suas verbas há dinheiro suficiente para a encampação, os estudantes — já agora todos os universitários do DF participando da greve — estão dispostos a permanecer acampados até que seja feita a encampação.

### PARLAMENTARES COLOMBIANOS

Uma delegação de parlamentares da Colômbia, chefiada pelo senador Horácio Rodríguez, acaba de visitar a União Soviética. A delegação foi objeto de recepção calorosa em toda parte onde esteve: em Moscou, Leningrado, Soch e outros lugares da URSS. Na foto (TASS) a delegação colombiana no Parque Dendrari, em Soch, a famosa estação balneária do Mar Negro.

